

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

XVI Prêmio
FUNARTE

MARC FERREZ

de FOTOGRAFIA

XVI Prêmio
FUNARTE
MARC FERREZ
de FOTOGRAFIA

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura

Margareth Menezes

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES – FUNARTE

Presidenta

Maria Marighella

Diretor Executivo

Leonardo Lessa

Diretora de Projetos

Laís Almeida

Diretora de Artes Visuais

Sandra Benites

Coordenadora de Artes Visuais

Andréa Paes

Coordenador de Conteúdo, Pesquisa e Formação

Carlos Eduardo Drummond

Apoio Administrativo da Coordenação de Artes Visuais

Ana Paula Santos

Marco Figueiredo

Marina Rocha

Thomaz Moura

Wellington da Silva

XVI Prêmio
FUNARTE
MARC FERREZ
de FOTOGRAFIA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Comissão de seleção do Edital
XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia

Alcides Okubo Sobrinho (Kazuo Okubo)
Ana Paula Maciel Soukef Mendes
Marcela Fernandes da Silva Bonfim
Paulo Airton Maia Freire
Rafael Adorjan Tindó

Comissão de organização do livro sobre o
XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia

Alcides Okubo Sobrinho (Kazuo Okubo)
Ana Paula Maciel Soukef Mendes
Paulo Airton Maia Freire
Rafael Adorjan Tindó

Agradecimentos

Fagner Carneiro
Oswaldo Alves

Para adquirir nossas publicações, envie e-mail para a Livraria Mário de Andrade:
livraria@funarte.gov.br.

Alguns de nossos títulos estão disponíveis para download gratuito:

<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/edicoes-1>

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Equipe de Edições

Caroline Cantanhede
Cristiane Marinho
Gilmar Mirandola
Júlio Machado
Maria José de Sant'Anna

Preparação de originais

Editora CRV | William Augusto Tonetti Barbosa

Projeto gráfico de capa

Equipe de designers da Editora CRV

Projeto gráfico de miolo e Diagramação

Editora CRV | William Augusto Tonetti Barbosa

Revisão

Editora CRV | Jacqueline dos Santos Rocha e
William Augusto Tonetti Barbosa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE /Centro de Documentação**

E-book

Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (16.: 2023: Rio de Janeiro, RJ) / Adriana Vignoli ... [et al.]; organizadores, Alcides Okubo Sobrinho (Kazuo Okubo)... [et al.]. – Rio de Janeiro : FUNARTE, 2023.

ISBN 978-65-5845-015-3

I. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (16.: 2023: Rio de Janeiro, RJ). 1. Prêmios de fotografia.

CDD770

Joelma Neris Ismael – Bibliotecária – CRB 7-5221

Copyright © Funarte
Todos os direitos reservados
Fundação Nacional de Artes – Funarte
Av. Presidente Vargas, 3.131 – Cidade Nova – CEP: 20210-911
Rio de Janeiro-RJ | livraria@funarte.gov.br
www.funarte.gov.br

O Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia acontece historicamente desde 1984. Esta edição teve como objetivo estimular a criação e a produção fotográfica em diálogo com o patrimônio artístico-cultural e o meio ambiente.

Este catálogo reúne a geografia poética que emerge de pontos de vista singulares de cada artista participante. São fotografias que nos convidam ao encontro com a paisagem, o cotidiano, as arquiteturas, o rito e a festa, imagens que, em alguma medida, também nos indagam sobre os modos de habitar o aqui e agora.

Ao todo, foram concedidos 50 prêmios com a intenção de estimular a nova produção fotográfica e a transversalidade da fotografia com as demais artes e áreas do conhecimento, promovendo e incentivando a produção artística desenvolvida em todas as regiões do país; além de valorizar a memória brasileira, ampliar o acesso aos bens artísticos e culturais e difundir a ampla e diversa produção fotográfica nacional.

Em sua 16ª edição, o prêmio buscou investir em políticas de acesso, por meio da disponibilização dos trabalhos em plataformas digitais e na atenção aos recursos de acessibilidade. A Funarte fortalece a sua missão institucional difundindo a expressão das obras contempladas e a potência viva de criação das artes

visuais, em especial, das fotografias que produzem diferentes narrativas sobre o nosso Brasil!

Nesse processo de retomada e formulação em caráter prioritário da Política Nacional das Artes por nosso Ministério da Cultura, renovamos o compromisso em valorizar as especificidades das linguagens que compõem o panorama de atuação da Funarte e em promover a diversidade que constitui as múltiplas estéticas dos nossos territórios.

Maria Marighella
Fundação Nacional de Artes – Funarte

Apresentamos, com grande satisfação, o livro de fotografias como registro dos projetos premiados no XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia.

Há pouco mais de três décadas, a fotografia incorporou-se às artes visuais nos trabalhos da Funarte. Além disso, a transversalidade do campo da fotografia com as artes e outras áreas do conhecimento é notória, ganhando cada vez mais espaço conceitual no país e no mundo. Como eixos estruturantes, o edital teve como aspectos fundamentais a valorização do patrimônio artístico e cultural e a relação com o meio ambiente e o turismo sustentável.

Somados a esses eixos, o certame pôde contemplar projetos das diversas áreas de produção fotográfica, como a livre criação, o fotojornalismo e a produção acadêmica. Ademais, outras linhas de expressão foram agraciadas, como obras, objetos, documentos, edificações, manifestações artístico-culturais, criações artísticas, científicas, tecnológicas, paisagísticas, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, além da memória e da identidade dos povos habitantes no país e de suas riquezas materiais e imateriais.

Coube aos proponentes e artistas premiados apresentarem os mais variados resultados relacionados ao acesso aos bens artísticos e culturais, à formação de público

em vários setores, à ampliação do mercado de trabalho, ao impulso ao turismo sustentável e dos bens patrimoniais materiais e imateriais e, ainda, ao resgate da memória cultural, tanto das manifestações artísticas das comunidades como do patrimônio urbanístico, arqueológico e paisagístico nacional.

Com isso, a Diretoria de Artes Visuais da Funarte cumpre seu papel de estimular a produção e a difusão das artes visuais ao valorizar a diversidade dos projetos premiados distribuídos nas cinco macrorregiões do país, com variadas atividades e múltiplas expressões e tendências da fotografia com especial foco na linguagem digital.

Diretoria de Artes Visuais – DAV

Sumário

Artistas

- 19** Negros da Boa Vista
AC Junior
- 25** Boca do fogo
Adriana Vignoli
- 29** A rota catarinense da mandioca
Alvaro Fiore
- 34** No vão do carste no seco da mata
Ana Alaíde Amaral
- 40** Versa, ela: a mulher do baile
Antonia Regina

-
- 44** Os Caretas de Triunfo
Arnaldo Sete
- 49** SobreNaturais
Beto Skeff
- 55** Cór-rego: de onde vem/para onde vai?
Camila Contreras
- 60** O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio
Art Déco e a preservação da Mata Atlântica em Santa
Maria-RS
Carlos Donaduzzi
- 65** Redes
Cayo Vieira
- 71** A vida da Família Bonaldo: o espetáculo que o público
não vê
Consuelo Vallandro
- 75** Iberê Camargo: um corpo fotográfico
Cristine de Bem e Canto
- 80** Trilogia limítrofe
Daniel Moreira

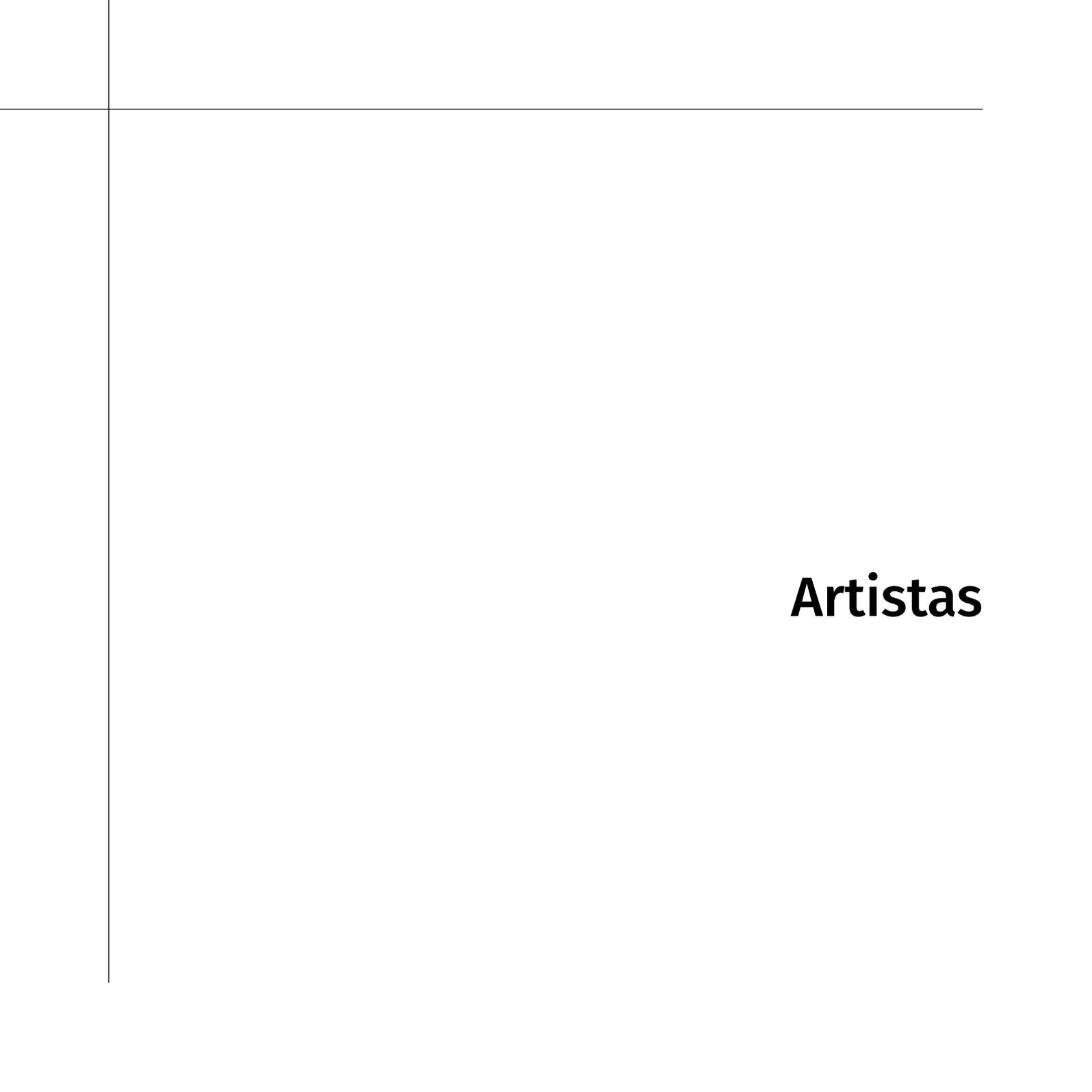
-
- 85** Escavar o escuro
Daniela Paoliello
- 90** Três Rios: a poética das águas
Davilym Dourado
- 95** Cachoeira de dados
Denise Agassi
- 101** Paisagem vertical
Edu Monteiro
- 107** Entre *clicks* e vielas
Galdino
- 112** Herbário caiçara afetivo
Giovanna Consentini
- 117** Plantear: a cianotipia entre a arquitetura e o paisagismo
..grão | Gabriela Sá e Ícaro Moreno
- 123** Cartografia afrorreligiosa do Rio de Janeiro
Gui Christ
- 128** Álbuns originários
Júlia Dolce

- 134** Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!
Leonid Streliaev
- 139** Como escutar o som de um relógio
Luciana Rodrigues
- 144** Litoral
Marcelo Hein | Coletivo Trapo
- 150** Casinhas feias: fachadas
Marcelo Barbalho
- 155** Mata-fina: a história dos charutos baianos que conquistaram o mundo
Marcio Pimenta
- 161** Bumba Meu Boi do Maranhão: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade
Márcio Vasconcelos
- 167** Angelus: postais de uma cidade invisível
Maria Baigur
- 172** Memorial de fachadas
Maria Vaz

-
- 178** Fogo aberto (ou abrir fogo)
Marilene Ribeiro
- 183** Erosão
Marlon de Paula
- 189** Xukurus do Ororubá
Mateus Sá
- 194** Ventos do norte
Mauricio Igor
- 199** Desafios criativos
Miro Soares
- 204** O mundo da grande Lagoa Manguaba
Pablo De Luca
- 209** Olhares culturais: a história através das paisagens de
Arambaré
Paula Solaris
- 214** Campo cerrado
Pedro David
- 219** Saberes e fazeres da agricultura familiar
Ponto de Cultura Rural | Marjorie Botelho

- 225** Entre tramas e labirintos
Raquel Gandra
- 230** Boi na lente: formação fotográfica e artística na zona norte de Teresina
Renata Fortes
- 236** Sobô nirê mafá
Rennan Peixe
- 241** Terra em trânsito
Rodrigo Zeferino
- 247** Museu do comer
Sergio Augusto Medeiros
- 252** Saberes da mata
Sirlí Freitas
- 257** A cidade se faz no caminho
Taynara Barreto
- 263** Fotossíntese do Rio de Janeiro
Tiago Petrik
- 268** Seridó potiguar: diário de uma viagem geológica
Valentina Tong

- 273** Lê: viva meu Mestre
Victória Nasck
- 279** Minibiografias
Ficha técnica
- 294** Agradecimentos da Comissão de Seleção
- 297** Participantes dos projetos contemplados pelo XVI Edital
Funarte Marc Ferrez de Fotografia



Artistas

Negros da Boa Vista

AC Junior é um fotojornalista profissional com uma carreira consolidada. Estudou Comunicação Social e Cinema e, fruto dessa formação, tem transitado entre o fotojornalismo/documentarismo e o cinema. Destaco apenas dois trabalhos, em longas-metragens, entre vários em que atuou como fotógrafo *still*: “Josué de Castro” (direção de Silvio Tendler; 1993) e “Praça Saens Peña” (direção de Vinícius Reis; 2007). Na televisão, trabalhou em programas dos canais GNT, Multishow e Canal Brasil entre 2003 e 2015.

Em concursos fotográficos, além do XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, AC Junior conquistou o primeiro lugar no Concurso FotoArte Brasília, categoria Amazônia, com o ensaio “Ribeirinhos”, em 2009. Além disso, seu trabalho faz parte de acervos, como o “Acervo Joaquim Paiva de Fotografia Brasileira Contemporânea”.

O comprometido e belo trabalho “Os Negros da Boa Vista” (<http://acjunior.com.br/negrosdaboavista>) é, em grande medida, um importante projeto de salvaguarda sobre a história da presença dos negros no Rio Grande do Norte. Sua realização vem sendo desenvolvida, segundo AC Junior, ao longo de 25 anos em torno da comunidade quilombola dos Negros da Boa Vista, na região do Seridó-RN. Entre os objetivos desse projeto, destaco o interesse de o fotógrafo mostrar como a Dança do Espontão, realizada durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, no município de Jardim do Seridó, entre 30 de dezembro e 1º de janeiro, é uma prática social

reveladora da presença histórica do povo negro na região. Segundo o fotógrafo, a Festa dos Negros do Rosário e a Dança do Espontão constituem patrimônios imateriais do Jardim de Seridó-RN. Como marco inaugural de suas celebrações, destaca-se a chegada de uma diminuta imagem de Nossa Senhora do Rosário em 1863, o que leva os negros à veneração daquela que é considerada a protetora dos negros na religião católica.

Na minha condição de fotógrafo, confesso que é sempre de grande aprendizagem passear por um trabalho maduro como este. É possível perceber que não se trata somente de um profissional com longa carreira fotográfica, trata-se também de uma pessoa madura que construiu essa maturidade junto àqueles com quem vem fotografando ao longo de tantos anos. Um trabalho assim dificilmente deixaria alguém “ileso” do afeto de tanta gente com as quais irremediavelmente é levado a se envolver e a se comprometer fotograficamente. O resultado disso é quase que “obrigatoriamente” uma estética que passa pelo resultado da proximidade e da intimidade nas trocas de olhares entre fotógrafo e fotografados, pela confiança de alguém que é levado ao interior das casas e das festas, espaços sagrados de convivência e socialização. E, para concluir, vale dizer que esses elementos a que me refiro são apenas uma parte limitada do que alcanço vislumbrar neste trabalho que inspira uma beleza para além da estética.





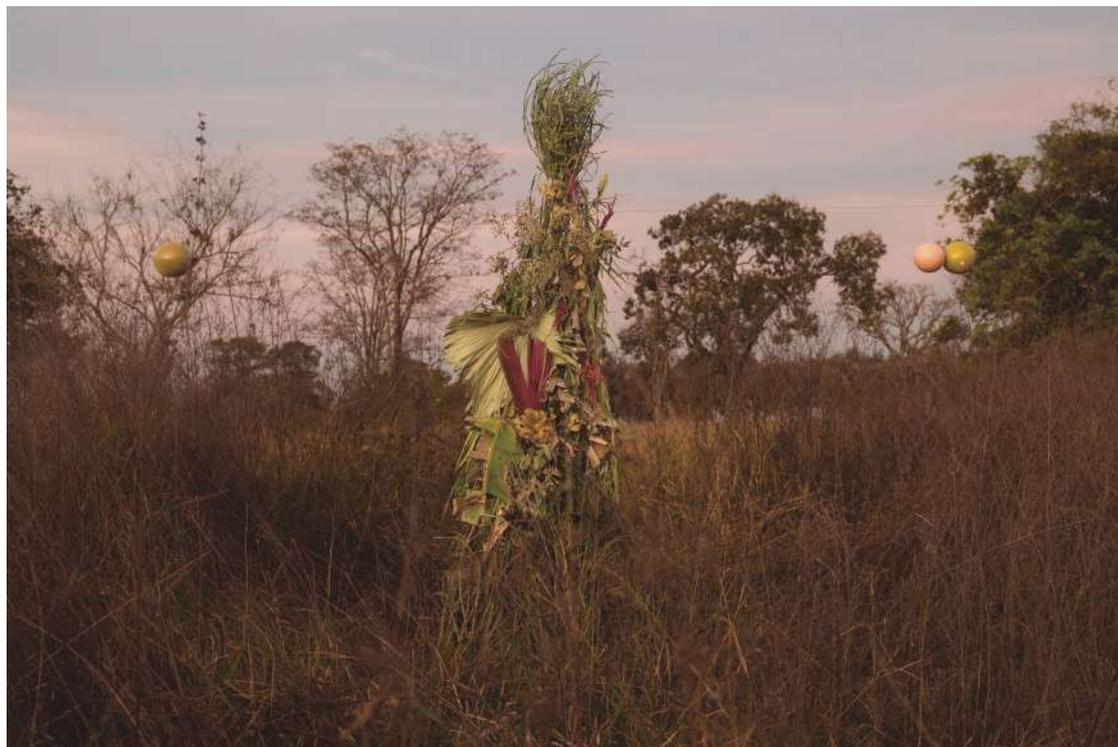




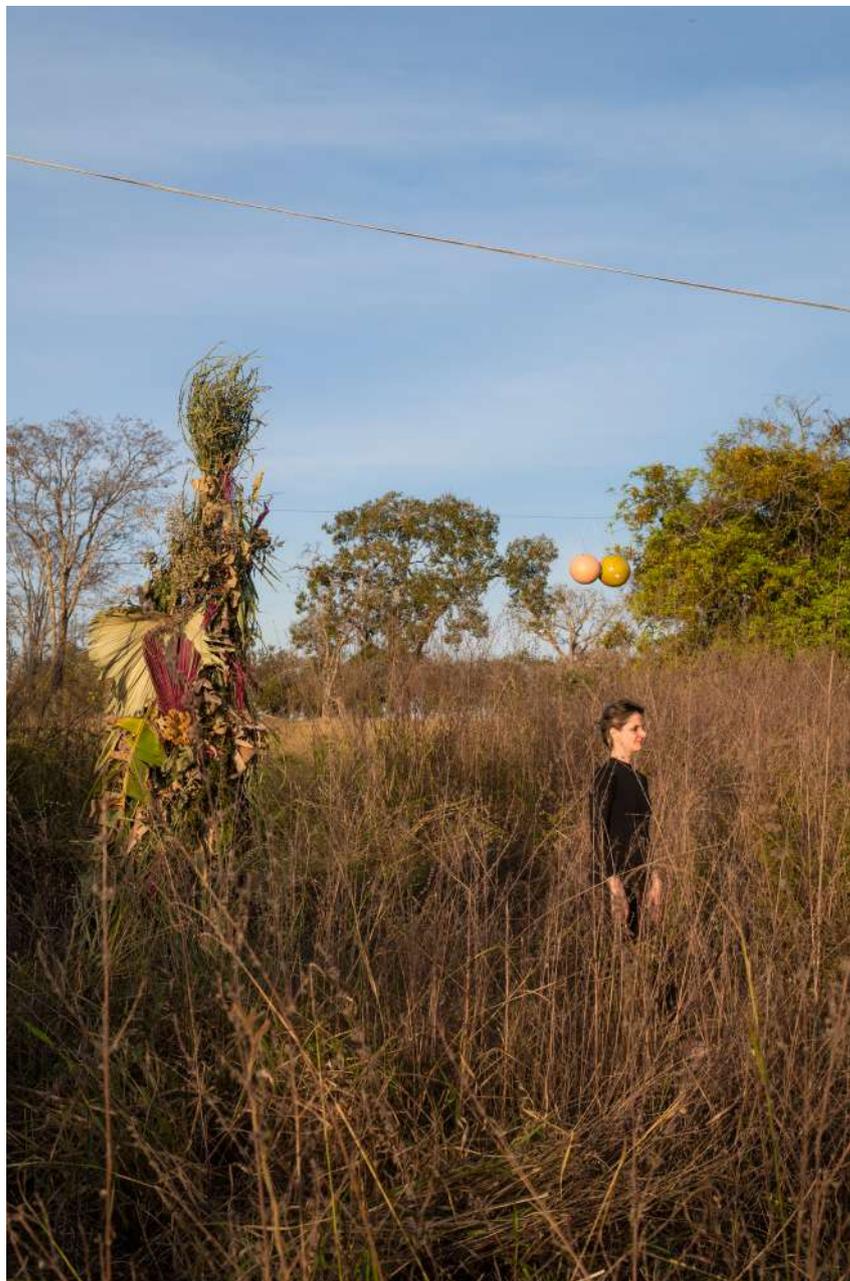
Boca do fogo

Adriana Vignoli vive e trabalha em Brasília-DF. Como artista, tem participado de exposições individuais e coletivas. Seu trabalho vem ganhando projeção internacional, como é o caso de sua participação na "Residência Artística no Hangar", em Lisboa, Portugal. Além disso, tem recebido prêmios importantes, são exemplos o Prêmio Nacional de Exposições do TCU, em 2020, e o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, em 2015.

O trabalho apresentado envolve fotografia, escultura natural e performance, demonstrando uma busca da artista em construir "seres geométricos dispostos na paisagem em estruturas de tensão e equilíbrio". Ela propõe obras que têm vida própria e se modificam lenta e continuamente. Interessa à idealizadora do projeto provocar o observador a experimentar o tempo como um fluxo contínuo, indissociável em passado, presente e futuro. Neste trabalho, Adriana Vignoli traz para dentro de sua obra a quilombola e geoterapeuta Lucely Morais Pio, convidando o fotógrafo Diego Bresani para registrar esse equilíbrio e tensão compostos em meio à natureza e às tensões por meio da suavidade de sua arte.







A rota catarinense da mandioca

O projeto “A rota catarinense da mandioca”, do fotógrafo e turismólogo Alvaro Fiore, constrói uma narrativa visual sobre a biocultura da mandioca no litoral catarinense. Percorrendo as localidades de Bombinhas, Florianópolis, Garopaba, Angelina e Imbituba, o trabalho enfatiza a importância dos saberes e fazeres tradicionais relacionados a esse alimento, que possui uma incontestável centralidade na história e na cultura brasileira.

Para o autor, a mandioca, considerada a raiz mais brasileira de todas, caracteriza-se por ser uma herança histórica muito significativa, que reafirma nossa cultura e ancestralidade, além de criar relações de pertencimento. Cultivada por indígenas há milhares de anos, essa tradição mesclou-se, no contexto catarinense, à cultura açoriana, resultando em uma fusão cultural.

As fotografias apresentadas por Alvaro Fiore buscam exaltar essa raiz como parte central da identidade e da economia brasileiras, pois a mandioca foi (e ainda é) um meio de sustento para muitas famílias. Em um tempo marcado pelo consumo de alimentos ultraprocessados e de *fast-foods*, as imagens do projeto revelam outra relação com o tempo, permeada pela dedicação, pelo carinho e pelos gestos de resistência.









No vão do carste no seco da mata

Ana Alaíde Amaral é graduada em História e tem atuado em trabalhos sobre patrimônio cultural. Sua produção fotográfica está presente em diversas publicações, como a revista *Vitruvius* e o livro *O povo do Candeal – caminhos da louça de barro*, de Ricardo Gomes Lima. Além disso, atuou como pesquisadora colaboradora no Projeto Urbanismo em Minas Gerais, na linha de pesquisa “Memória e Patrimônio Cultural” da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Como fotógrafa engajada social e politicamente em temas patrimoniais de sua região, o projeto “No vão do carste no seco da mata” reflete uma iniciativa para chamar a atenção para a importância da salvaguarda dos bens culturais, sobretudo aqueles que são desconhecidos ou omitidos do grande público por não representarem interesses economicamente rentáveis para as políticas locais.

Como diz Alaíde do Amaral sobre a “Mata seca”, própria dos Gerais de Minas, é

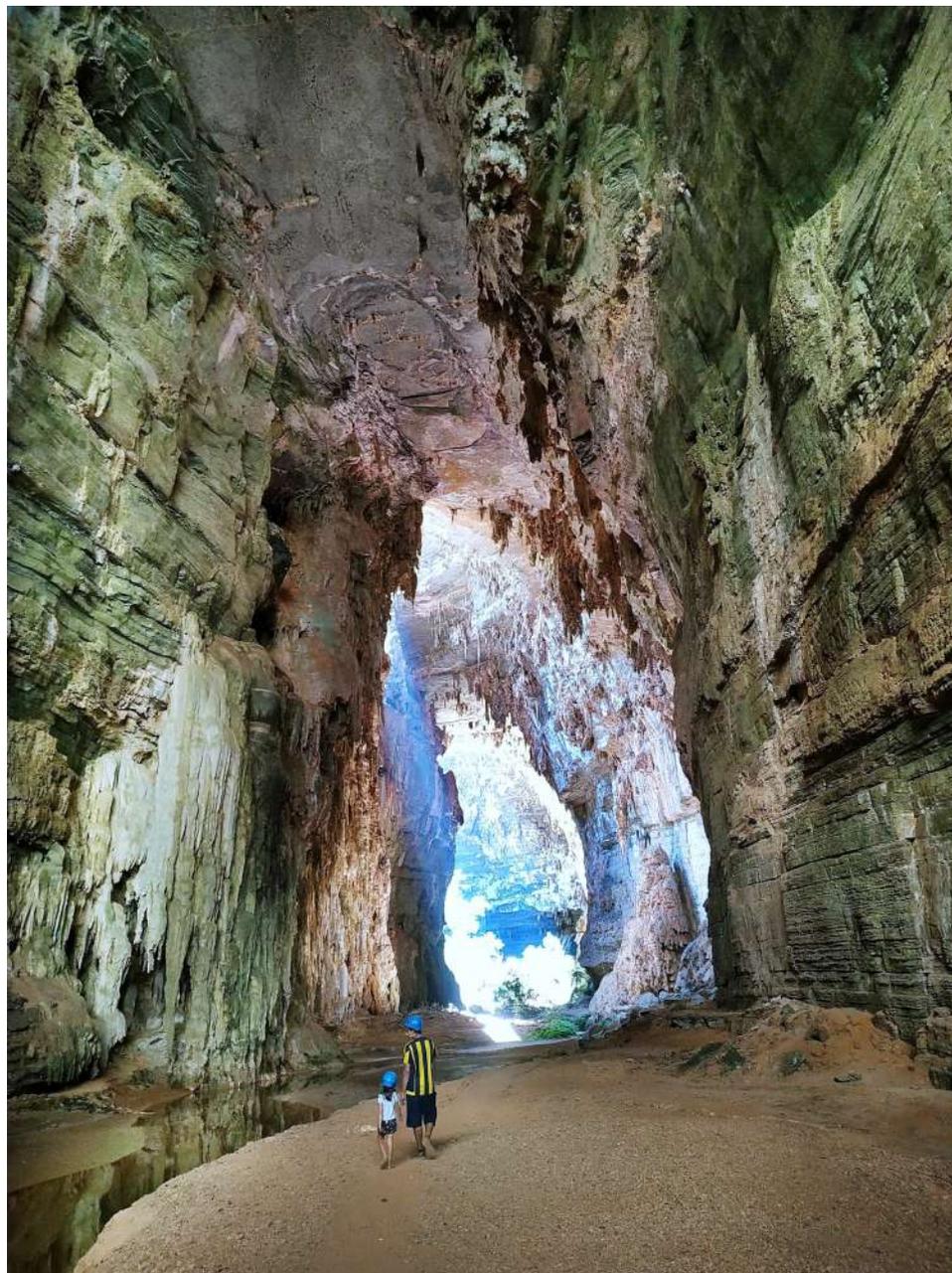
uma paisagem mágica, mutante, contrastante, diversa, que é capaz de sobreviver a períodos de extrema seca, e que nos remete ao berço da nossa civilização [...]. A salvaguarda dos aspectos da paisagem

do patrimônio natural e cultural é tema da maior importância nos dias atuais.

Aláide também chama nossa atenção sobre o “cárstico”, termo presente no título deste trabalho. Para ela, esse espaço “esconde grandes salões, corredores, joias em forma de pedra, abrigos e caminhos que o rio deixou entre seu sumidouro e sua ressurgência”. Por isso, sua fotografia é um convite a um modo de olhar para esses lugares e pessoas com uma compreensão de que se trata de um bem que nos pertence. Uma chamada a despertar para uma consciência da necessidade de preservação dessas heranças naturais e também para um olhar atento às necessidades criativas que esses bens requerem de todos nós.









Versa, ela: a mulher do baile

O projeto “Versa, ela: a mulher do baile”, de autoria da jornalista Antonia Regina, aborda a presença de mulheres no fandango. A partir da imersão em diferentes lugares, entre eles Paraty-RJ, Ubatuba-SP, Cananéia-SP e Guaraqueçaba-PR, a proposta visa a dar protagonismo às mulheres no contexto da musicalidade caiçara.

Segundo a fotógrafa, o fandango e a ciranda caiçara são práticas culturais que carregam em si uma grande potência criadora, que, no contexto feminino, transforma-se em ferramenta de empoderamento e resistência. Porém, as mulheres nesse meio ainda sofrem com a invisibilidade e o preconceito.

A proposta busca encontrar, nessas histórias de vida, o protagonismo sobre o destino dos bailes em todo o território caiçara. Recuperar essa memória negada às mulheres, sob um lugar da mulher-musa em relação à poética das modas.

O fandango caiçara é considerado um patrimônio imaterial brasileiro desde 2012, tendo presença marcante na vida das populações que habitam do litoral norte do Paraná até o litoral sul do Rio de Janeiro. O projeto desenvolvido buscou consolidar não apenas um mapeamento dessa presença do fandango no território litorâneo, mas também o reconhecimento da história das mulheres que lutam pela preservação e valorização dessa prática cultural.



Versa, ela: a mulher do baile





Os Caretas de Triunfo

Movimento tradicional folclórico surgido na cidade de Triunfo, localizada no sertão pernambucano a 408 km de Recife, Os Caretas surgiram a partir do Reisado, festa popular que simboliza o nascimento de Jesus. Atualmente, o grupo costuma desfilar pelas ruas da cidade na segunda-feira de carnaval em grupos conhecidos como “treças”.

O fotojornalista Arnaldo Sete, autor do e-book *Por trás da lona* (2021), iniciou este projeto com o registro dos mestres dessa festividade em seu processo de confecção das máscaras e acessórios que fazem parte do figurino do careta, cujo resultado pode ser visto na obra disponibilizada na *internet*.

Em seguida, a previsão era fotografar Os Caretas nos desfiles, mas, pela primeira vez em mais de cem anos de tradição, as festividades foram canceladas devido à pandemia de covid-19. A solução encontrada foi a de realizar o registro dos brincantes confinados em suas residências em pleno período carnavalesco.

Por causa disso, o projeto foi ressignificado e ganhou inclusive um novo subtítulo “O confinamento de uma tradição”, permanecendo como uma importante contribuição para a valorização cultural desse patrimônio pernambucano, disponibilizado por meio de um novo e-book do fotógrafo. Potencial capaz de despertar um novo interesse turístico, que pode se desdobrar para além da cidade de Triunfo, abrangendo também as atividades similares preservadas em outros municípios do interior de Pernambuco.









SobreNaturais

O artista visual e *designer* Beto Skeff atuou como Diretor Executivo do IFOTO – Instituto da Fotografia, no Ceará, e tem também contribuído com vários eventos de fotografia no território nacional como leitor de portfólio e demais atividades relacionadas às artes visuais. Possui experiência na área de comunicação visual corporativa, construção e desenvolvimento de projetos gráficos editoriais.

No trabalho apresentado por Beto Skeff para esta versão do Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, o artista explora as modalidades visuais da fotografia e do *design*, mostrando-nos um olhar artístico sensível e denunciador das agressões contra a natureza.

Conforme apresentado em seu projeto, Beto Skeff considera poluente aquilo que está fora do seu local de origem. Podemos relacionar os poluentes e os turistas, quando não há uma relação de equilíbrio entre eles. Ao considerar essa realidade, a observação sobre esses resíduos os mostrou como fragmentos errantes, como seres sobrenaturais que vagam e que, porventura, são ancorados nas árvores e no solo do mangue. O diálogo entre o natural e o artificial é o mote deste ensaio, no qual é nítido o esforço da Natureza por integrar e decompor esses fragmentos de sacolas, plásticos, cordas etc.

Por fim, o fotógrafo pretende provocar um exercício de abstração, ou construir metáforas, entre imagens e esses fragmentos agressores da natureza, no intuito de despertar novos olhares sobre o uso da imagem e de novas maneiras de intervenção com a fotografia e a edição digital.









Cór-rego: de onde vem/ para onde vai?

O projeto "Cór-rego: de onde vem / para onde vai?" une o trabalho do artista visual Diego Sei e da arquiteta e urbanista Camila Contreras, com intuito de refletir sobre a cidade e suas águas. A série de imagens apresentada foi criada a partir de uma poética e estética marginal, usando-se a fotografia não apenas como ferramenta de crítica e reflexão, mas também como um caminho de encantamento e fantasia.

O tema trazido pelo projeto é as bacias hidrográficas de Salvador-BA, especificamente a Bacia Barra/Centenário e a Bacia de Ondina. Por meio de um olhar sensível e profundo para as águas que atravessam a cidade, a dupla levanta reflexões sobre a importância da preservação ambiental e sobre a relação dos grandes centros urbanos com o entorno e com a natureza.

Segundo os dois, o projeto nasceu da percepção de que "na vida dos moradores das cidades brasileiras, o caminho que as águas percorrem para chegar à torneira e ao desaparecer no ralo é um fator desconhecido e ignorado". Tendo esse mote, o projeto brinda o público com imagens poéticas nas quais as águas aparecem de diferentes formas, carregando a memória da própria cidade.

Cór-rego: de onde vem/para onde vai?



Cór-rego: de onde vem/para onde vai?



Cór-rego: de onde vem/para onde vai?



Cór-rego: de onde vem/para onde vai?



O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio *Art Déco* e a preservação da Mata Atlântica em Santa Maria-RS

Carlos Donaduzzi, desde seu mestrado e doutorado no campo das artes visuais, tem dedicado sua vida acadêmica e suas pesquisas a essa temática. O fotógrafo e artista visual – dando importantes amostras sobre ambas as atividades, a artística e a acadêmica – realiza publicações muito pertinentes, entre livros e artigos acadêmicos. Vale chamar a atenção para o seu trabalho *Os mundos que cabem em um rua*, financiado pela Lei Aldir Blanc em 2021. Complementarmente a isso, participou de exposição no Festival Internacional de Fotografia de Paraty em 2020, e foi premiado no XII Salão Latino-Americano de Artes Plásticas – Museu de Arte de Santa Maria – MASM.

Percebe-se, portanto, muito claramente neste projeto a integração que Carlos Donaduzzi realiza com maestria entre a descrição histórico-sociológica, de modo

a nos colocar no contexto de seu projeto, e uma descrição sensível e sensibilizadora a respeito do bem patrimonial de sua cidade.

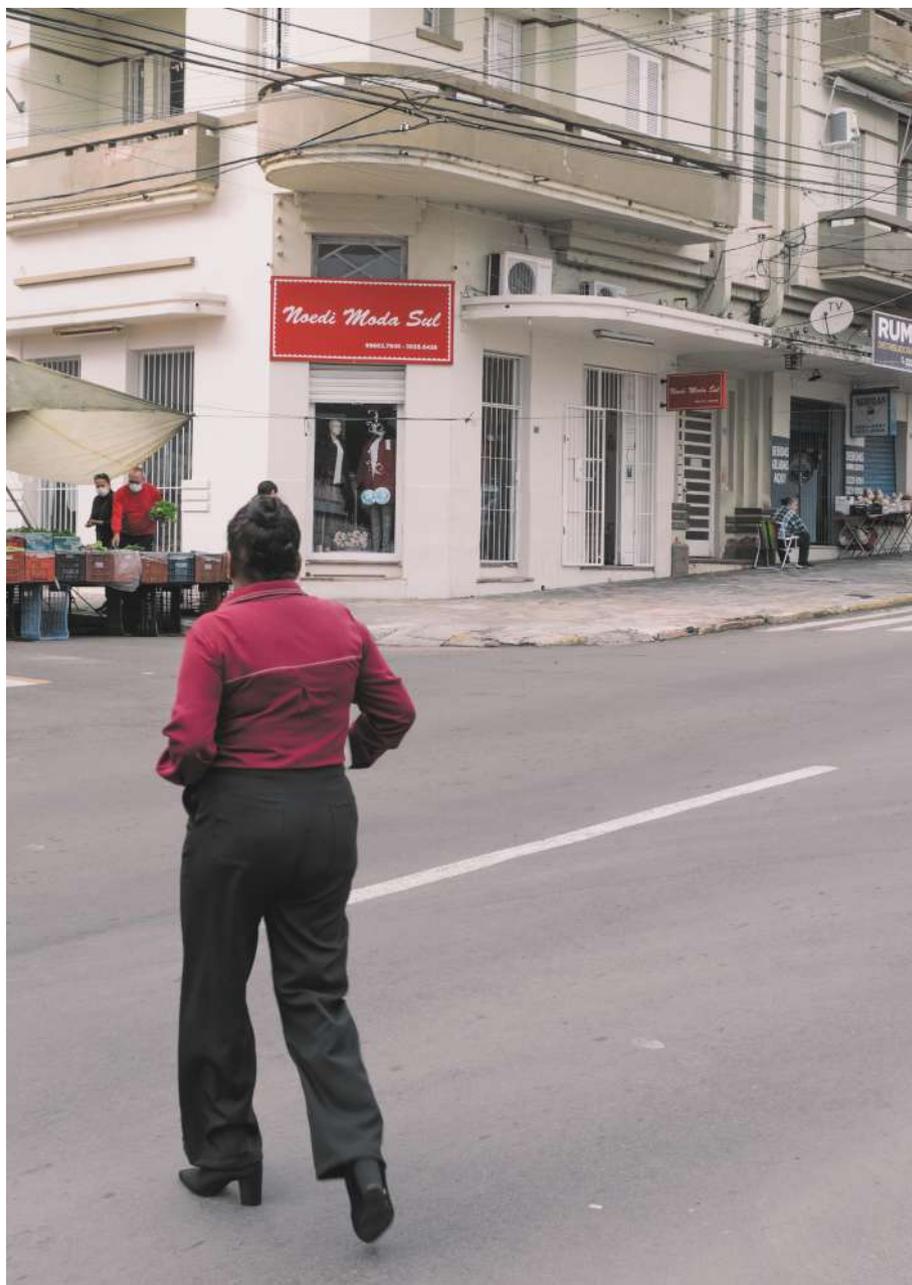
Dito nas palavras de Donaduzzi:

Esse projeto de livre criação em fotografia buscará através de expedições no espaço urbano, registros que tenham como foco a paisagem urbana da Avenida Rio Branco em contraste com o verde da Mata Atlântica que atua como um plano de fundo nessa região, onde é percebido entre os recortes dos prédios, as frestas entre eles e os vazios das esquinas que permitem os olhos encontrarem no horizonte as curvas dos morros da região norte e leste da cidade. O subjetivo, a emoção e a imprevisibilidade serão guias para uma produção artística em fotografia que terá como intenção valorizar esse patrimônio da cidade para toda a comunidade: local, estadual e nacional.

O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio Art Déco...



O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio Art Déco...



O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio Art Déco...



Redes

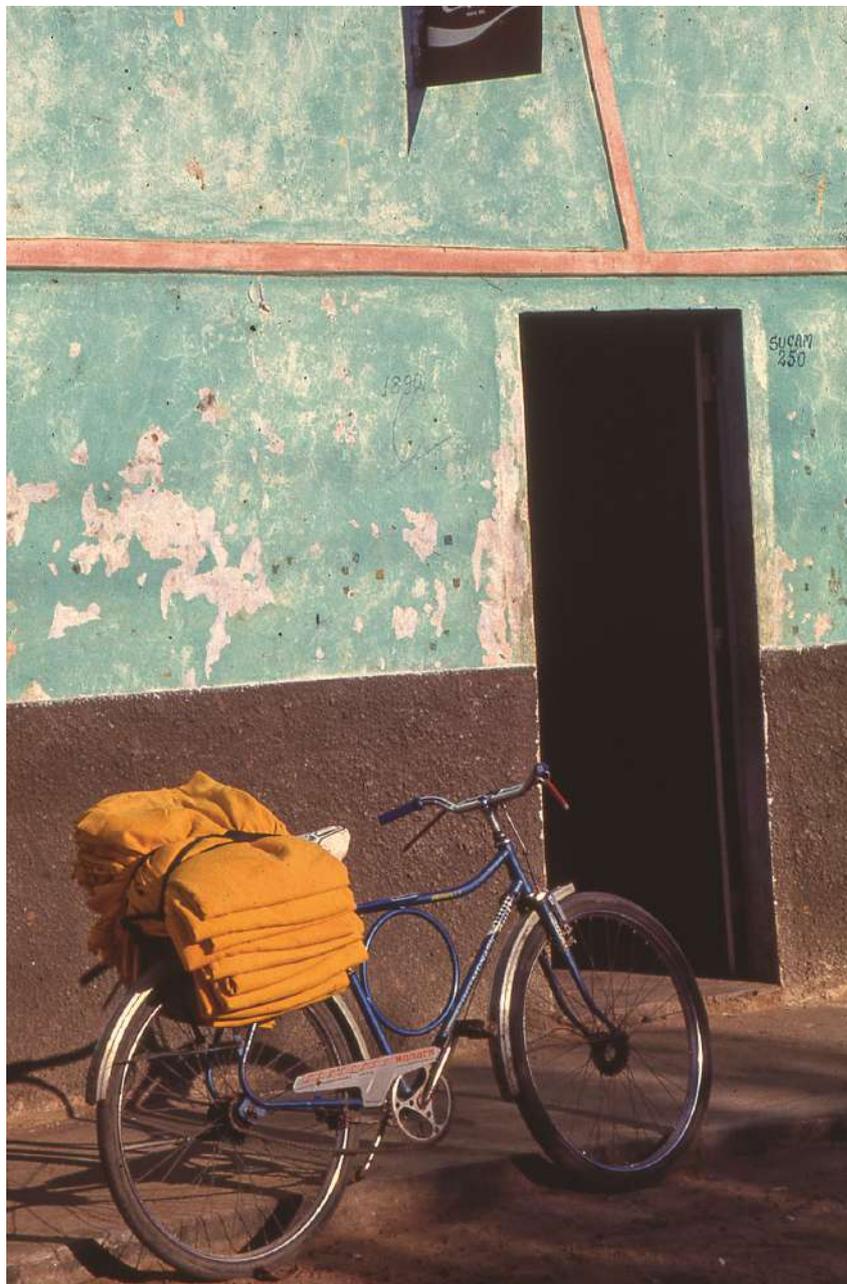
Quando redes de dormir embalam as tramas existentes em uma relação de pai para filho, é possível perceber o olhar afetivo que existe neste projeto. “Redes” pretende revelar a evolução do processo de fabricação de redes de dormir a partir do acervo do fotógrafo Sergio Vieira, que foi seguido e atualizado por seu filho, o também fotógrafo Cayo Vieira, natural de Curitiba-PR.

Os artesãos locais e o modo de vida da população de Jaguaruana-CE, localizada no Vale do Jaguaribe, conhecida como “terra da rede”, foram registrados pelo olhar de Sergio, enquanto a produção atual foi captada pelo seu filho, Cayo. Ambos enaltecem a habilidade de artesãos tradicionais e refletem sobre os desafios para garantir a preservação e a memória dos modos de fazer desse bem material, integrante do patrimônio cultural nacional.

As produções de Sergio e Cayo possuem 40 anos de diferença, e observa-se que há um contraponto existente nos registros deles, desde o uso das cores até a escolha dos planos das imagens. As fotografias de Sergio foram geradas por meio de diapositivos que se destacam pelo uso da cor a fim de evidenciar o processo de trabalho artesanal nos anos 1980, enquanto as de Cayo foram registradas em negativo preto e branco a fim de enfatizar a produção industrial de fabricação das redes atualmente.

Entretanto, essa relação também se entrelaça por conta de suas escolhas. Para fotos atuais, Cayo escolheu utilizar processos fotográficos analógicos, que, assim como nas fotografias do pai, vão na contramão da velocidade de consumo imediato. De alguma forma, essa predileção se associa com o tempo decorrido para fabricação das redes em uma estrutura familiar, ainda nos tempos de hoje.









A vida da Família Bonaldo: o espetáculo que o público não vê

Consuelo Vallandro é ginasta acrobática, expandindo há mais de uma década seus horizontes e práticas artísticas no campo da arte transdisciplinar, envolvendo a dança contemporânea, o circo e a performance, sendo esta última foco de sua pesquisa de mestrado junto ao PPGAC da UFRGS. É gestora em Artes Circenses, graduada em Letras e presidente da Associação Circo Sul. De acordo com Consuelo, este projeto apresenta uma pesquisa fotográfica da rotina diária e de itens de memória e de referência das gerações anteriores (como fotos e objetos) da família tradicional Bonaldo, que está na sexta geração circense itinerante. Suas fotos valorizam sua narrativa com belíssimos contrastes da intimidade, focando na preservação da memória circense.







Iberê Camargo: um corpo fotográfico

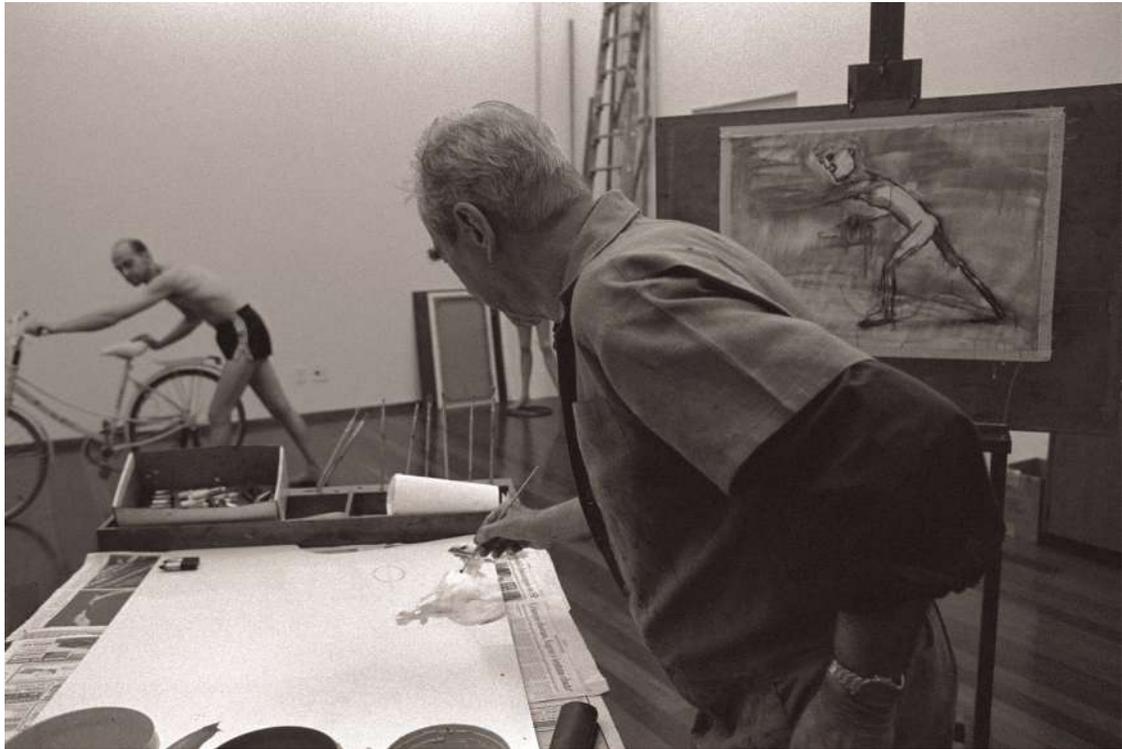
A partir de uma aproximação iniciada casualmente, a fotógrafa Cristine de Bem e Canto passou a acompanhar a produção diária do pintor Iberê Camargo em seu ateliê na Rua Alcebíades dos Santos, em Porto Alegre, durante 1993. O que se vê é uma parceria de trabalho estabelecida com o artista que, segundo a própria fotógrafa, costumava encarar a fotografia como um mistério.

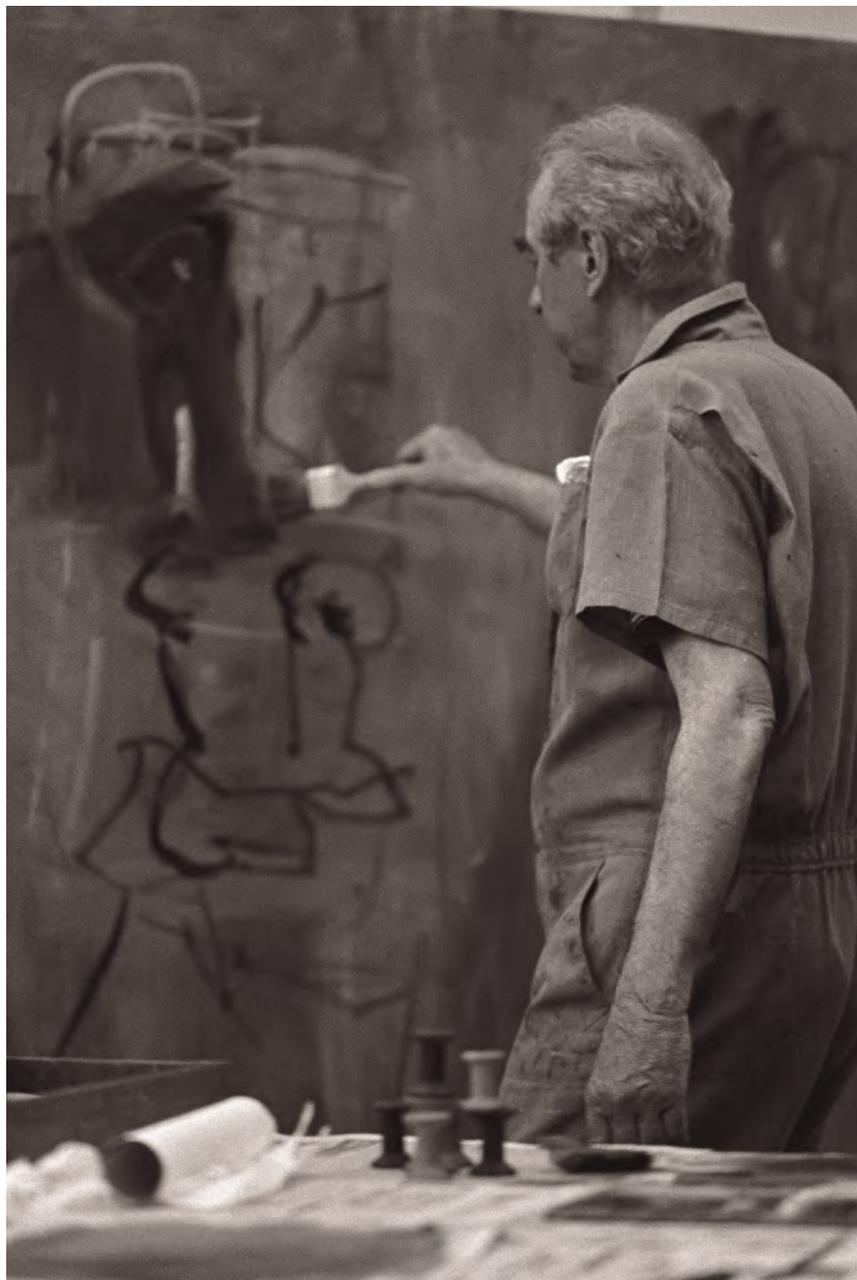
“Por que tu tiras tantas fotos?”, perguntou ele em uma dessas ocasiões. O projeto apresentado tem o objetivo de resgatar um acervo de mais de 400 fotogramas, por meio da digitalização, quase 30 anos após a captação. Tais fotografias muitas vezes reproduzem o gestual do artista diante da produção de suas telas, encadeando uma noção de movimento ao seu corpo. O que corresponde ao relato da fotógrafa ao testemunhar a “profunda concentração e vigor do artista imerso em seu trabalho”.

Tais fotografias evidenciam um período pictórico na obra de Iberê, após muitos anos na abstração. Ganham uma importância histórica por resgatar a obra de um artista de verve reconhecidamente existencial junto à materialidade de sua pintura, acrescida da presença de movimento em seu processo de criação. Ao mesmo tempo, o projeto busca dar um novo fôlego à sua obra, ao revelar um material inédito que pode aproximá-lo das novas gerações que não tiveram contato com o seu trabalho.









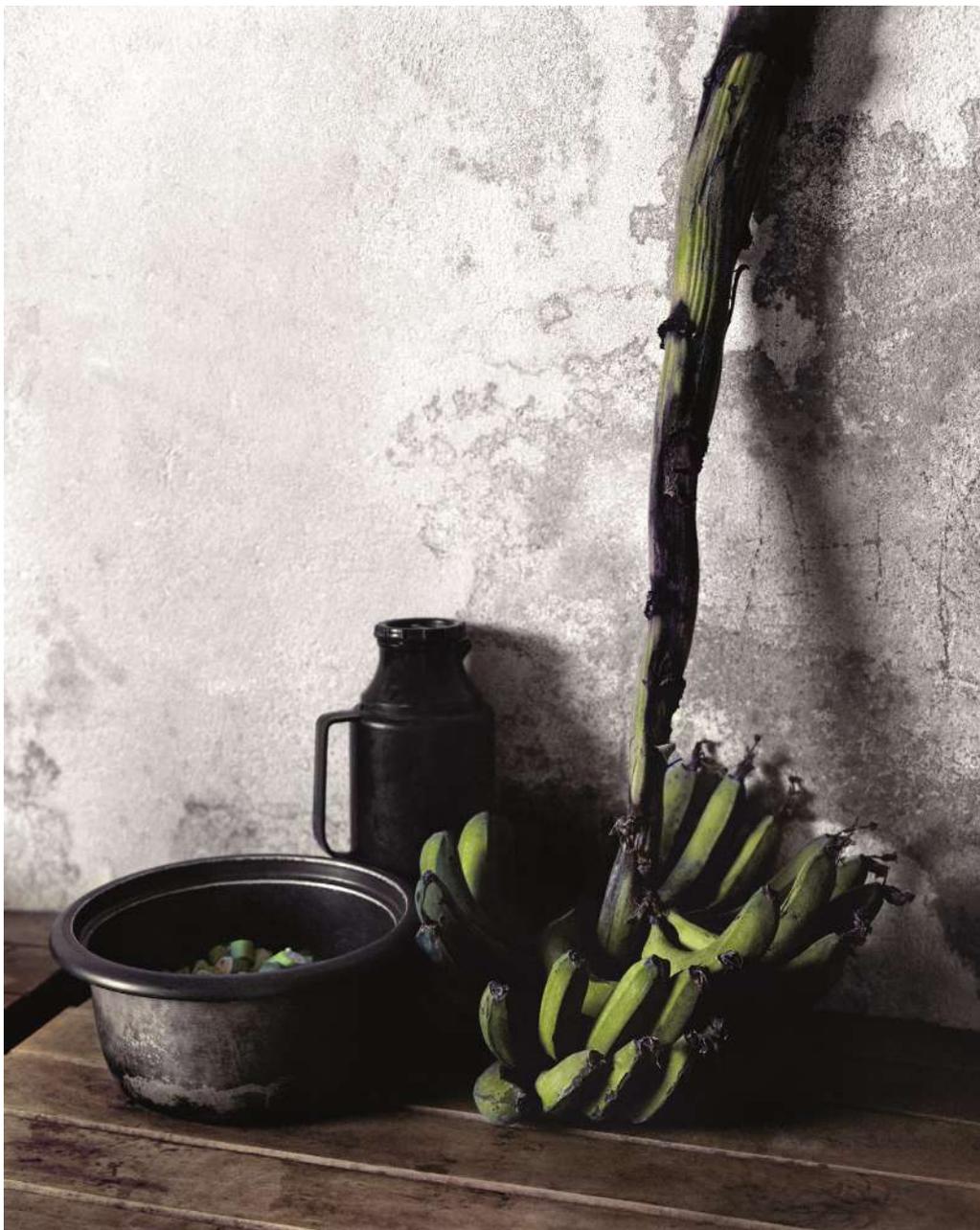
Trilogia limítrofe

Daniel Moreira, habitante de Belo Horizonte-MG, graduou-se em Comunicação Social. Seu campo de interesse está relacionado a uma busca do diálogo entre processos ou situações documentais e as artes visuais. Entre os reconhecimentos mais recentes sobre seu trabalho estão o Prêmio Projetos de Exposições Culturais do Centro Cultural do Tribunal de Contas da União/Galeria Marcantonio Vilaça, em 2020, e o Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger, em 2019, na categoria Ancestralidade e Representação.

Com uma apuração visual ímpar, realizado com uma câmera fotográfica de grande formato, Daniel Moreira tem como objetivo “promover o resgate da memória visual, das ocupações urbanas que formam a região do Barreiro, zona periférica de Belo Horizonte, abordando de maneira poética o cotidiano de seus moradores e moradoras”.

Seu trabalho é apresentado com uma apuração técnica de alta qualidade, provocando-nos visualmente com uma imagem de cores vívidas e contrastantes, construídas com uma íntima proximidade dos sujeitos fotografados e também de/em suas moradias. Como é possível observar nas fotografias selecionadas e em sua *home page*, Daniel procura construir seu trabalho a partir de uma busca pessoal de proximidade efetiva e de convivência com aqueles que fotografa.



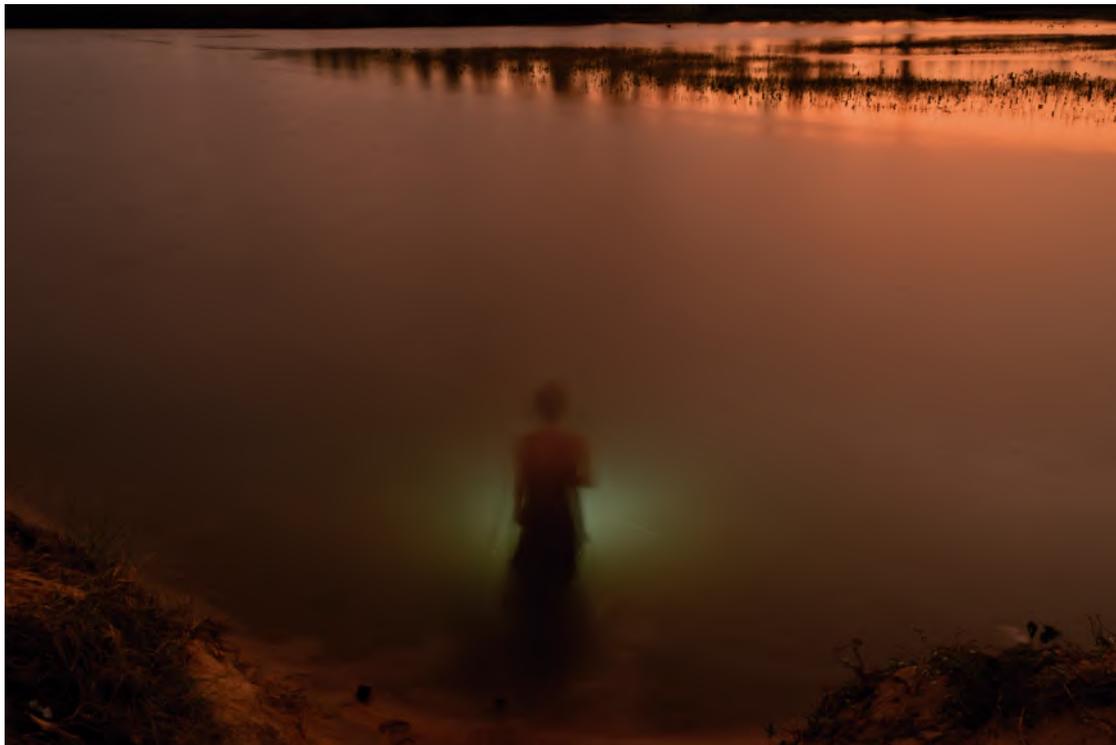






Escavar o escuro

Daniela Paoliello, artista mineira, tem no projeto “Escavar o escuro” uma pesquisa que propõe o hibridismo entre linguagens, com a articulação entre fotografia e autoperformance, trabalhando dois processos distintos. A representação das paisagens do litoral brasileiro, em específico as praias da “Costa do Descobrimento”, é produzida à noite, trazendo à luz uma visualidade alternativa sobre paisagens que geralmente são vistas e registradas durante dias ensolarados. Daniela nos encanta com a beleza de fotos noturnas realizadas com extremo cuidado na iluminação e composição.









Três Rios: a poética das águas

De caráter documental, o projeto “Três rios: a poética das águas” tem como premissa o despertar de uma consciência ecológica a partir de uma reflexão sobre a necessidade vital da condição de existência de três rios que marcam o fluxo das águas que delimitam geograficamente o estado de São Paulo: o Rio Grande, o Rio Paraná e o Rio Paranapanema.

Em forma de uma grande expedição, o fotógrafo Davilym Dourado percorreu um total de aproximadamente 3 mil quilômetros de estradas para poder transpassar por toda a extensão dos rios. Uma produção de fotografias e vídeos de uma beleza ao mesmo tempo exuberante e contemplativa, demonstra a capacidade de o ser humano se adaptar e preservar o meio em que vive. O projeto também deságua em uma poética que abriga diferenças e semelhanças entre essas regiões limítrofes, com base nas origens das palavras que dão nome aos rios.

A problematização sobre a questão do uso da água e a promoção de práticas sustentáveis estão entre as propostas levantadas por este projeto, que reflete sobre como o desenvolvimento da cultura e das civilizações está atrelado diretamente à utilização dos recursos hídricos. Desse modo, é um alerta para a necessidade de uma nova política ambiental, que se dedique a relacionar natureza e cultura como um valor simbólico em prol da preservação.









Cachoeira de dados

No projeto “Cachoeira de Dados”, a pesquisadora e artista visual Denise Agassi explora as relações entre a imagem contemporânea e o compartilhamento de dados na *internet*, levantando reflexões sobre representações coletivas em rede e sobre a excessiva produção e consumo de informações visuais. A pesquisa também aborda as transformações na relação entre o local e o global, o individual e o coletivo.

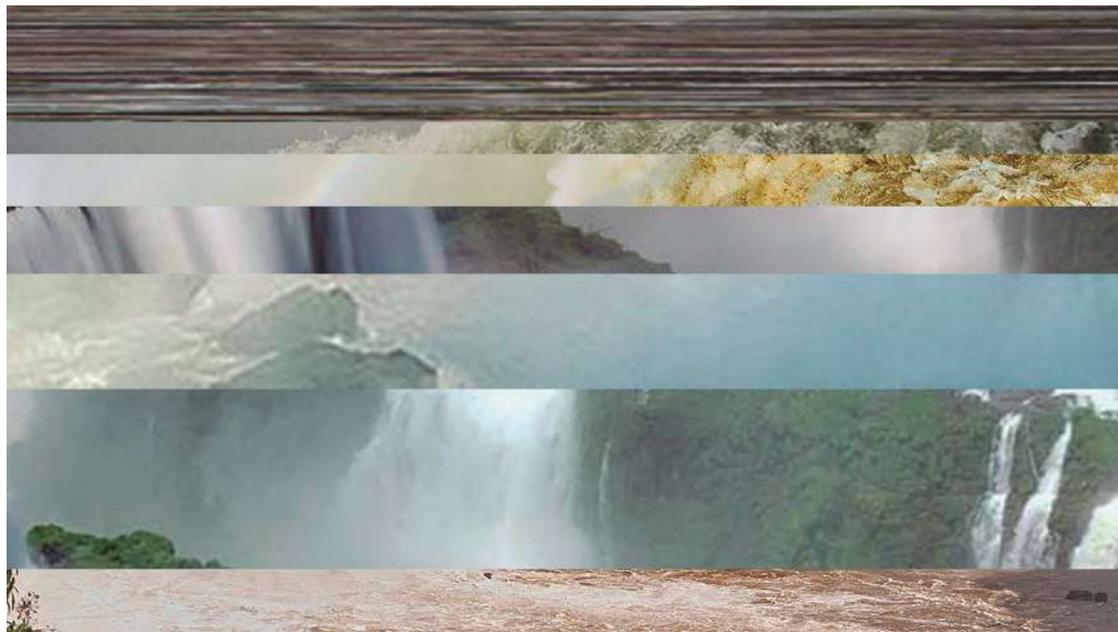
Tendo como ponto de partida a busca nas redes por imagens turísticas sobre as Cataratas do Iguaçu, o projeto resultou na construção de uma obra *on-line* formada por diferentes recortes horizontais de fotografias coloridas, nos quais as palavras se transformam em imagens de uma longa queda d’água, que pode ser percorrida continuamente. A obra está disponível na *internet*.

Na descrição da artista,

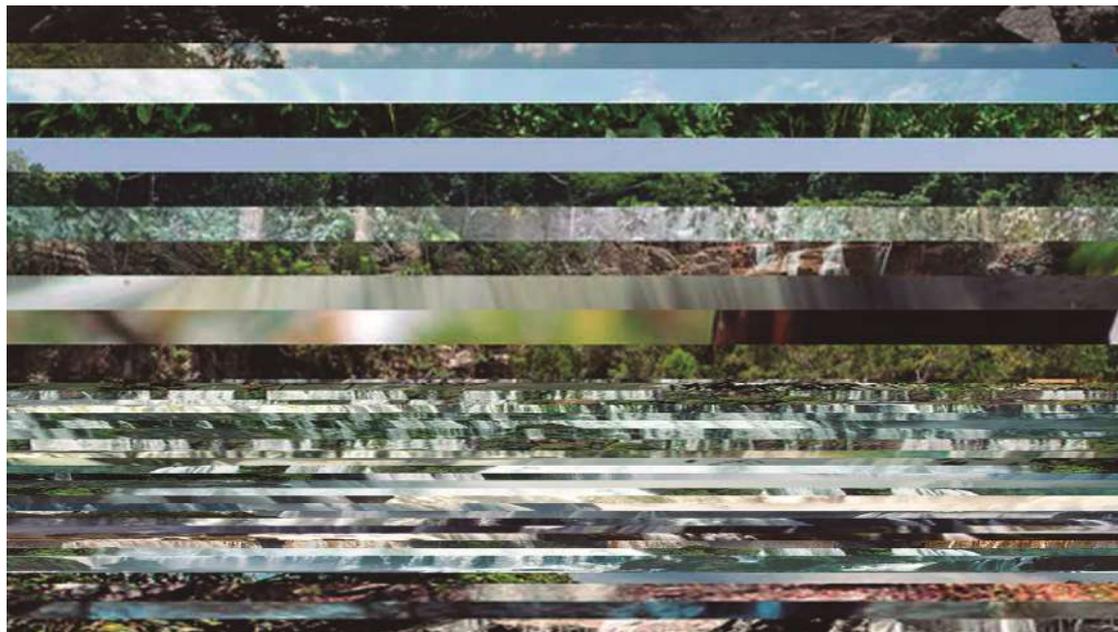
em alguns momentos, essa água é mais caudalosa e preenche toda a tela, e, em outros, o fluxo de dados é mais intenso que a água, o que gera, em alguns trechos, acúmulos e sobreposições de informações. Alguns recortes são tão finos que se transformam em linhas coloridas.

Por meio de sua produção, a autora desloca o sentido de informações acumuladas na *internet* em uma intensa troca de experiências, partindo de uma estratégia de articular o caos em rede.









Paisagem vertical

Edu Monteiro, fotógrafo e autor dos livros *Le Jardin* (2018), *Autorretrato Sensorial* (2015) e *Saturno* (2014), apresenta, ao XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, o projeto “Paisagem vertical”. Trata-se de uma cartografia na qual o artista busca compreender, visual e sensorialmente, sua relação com o tempo, o espaço e a formação geocósmica da terra. Edu Monteiro escolheu como lugar privilegiado de sua investigação a região de Aparados da Serra, na divisa entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, um lugar que possui aspectos geológicos únicos.

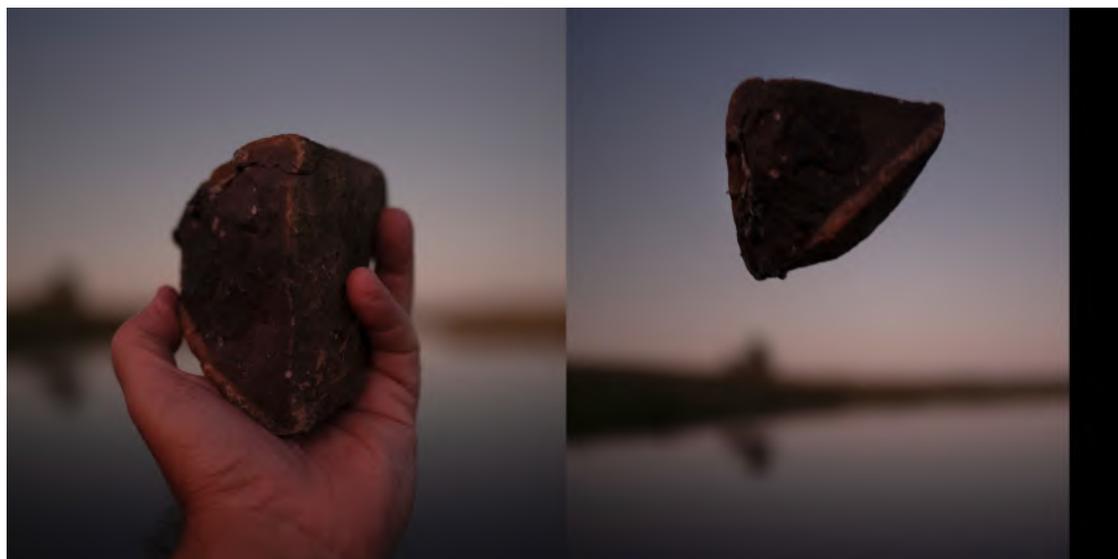
Nas palavras do artista,

caminhar nas bordas dos cânions da região de Aparados da Serra é transitar no espaço-tempo, viajar em uma história radicalmente mais profunda e anterior ao surgimento da nossa espécie. É flutuar simultaneamente na realidade cósmica e em nossa realidade interior.

A escolha por este local tem relação direta com a vivência do fotógrafo, que residiu e desenvolveu projetos nesta região ao longo de sua carreira. Por meio de sua imersão no território, o autor tece reflexões sobre a relação entre o

humano e a natureza – elementos que, em suas imagens, mesclam-se de maneira simbiótica, remetendo à ideia de pertencimento e unidade do mundo. A pesquisa desenvolvida pelo fotógrafo materializa-se no *e-book Paisagem Vertical*, disponibilizado na *internet*.









Entre *clicks* e vielas

Visando a contribuir com a formação de novos fotógrafos e com a valorização de artistas marginalizados, o projeto “Entre *clicks* e vielas”, proposto pelo professor, artista e pesquisador de teatro Lucas Galdino da Silva, promoveu oficinas de criação e produção em fotografia em Juazeiro do Norte-CE.

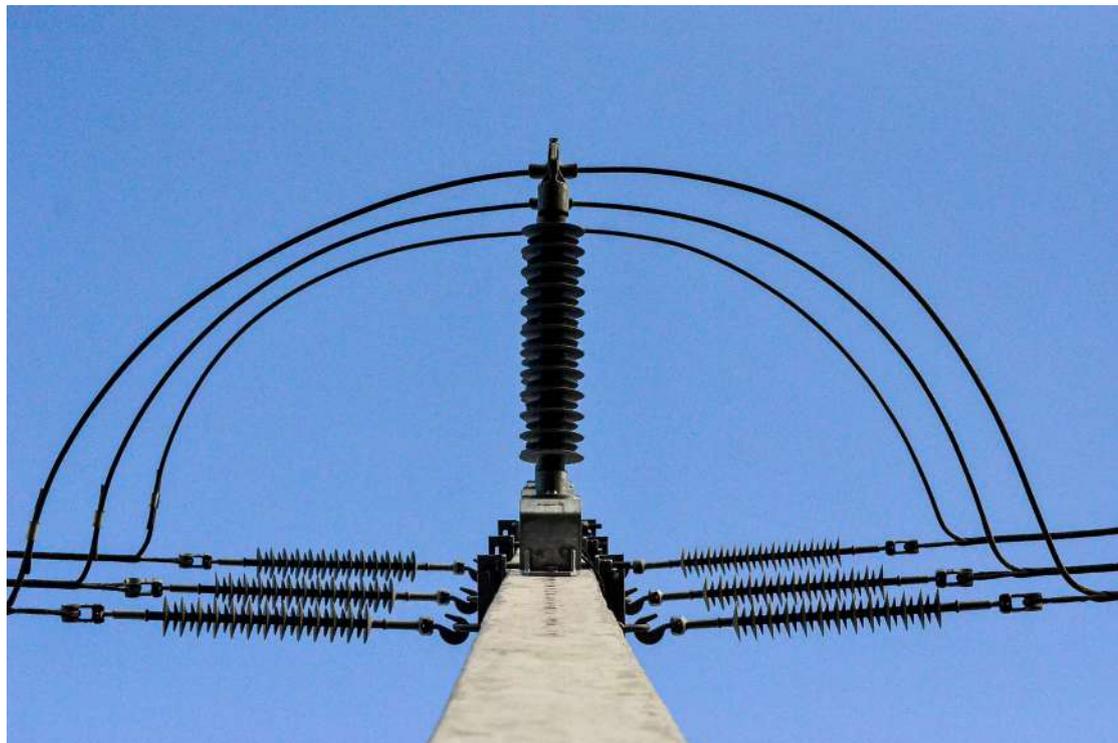
A partir do desenvolvimento das oficinas, realizou-se uma exposição na sede da Quebrada Cultural, espaço artístico que visa a dar reconhecimento e visibilidade a corpos dissidentes, LGBTQIAPN+, artistas racializados/as, mulheres, professores/as de arte, agentes, produtores/as culturais, encenadores/as, atrizes e atores. A exposição reuniu o trabalho de dez artistas, que, com base nos exercícios criativos, buscaram construir suas próprias visualidades. A temática principal trazida pelas imagens foi a realidade local, suas identidades e memórias.

A mostra também se transformou em um catálogo virtual, que, além das imagens, apresenta brevemente cada um dos artistas envolvidos. De acordo com o proponente do projeto, esta ação artística teve como um de seus objetivos principais viabilizar a existência de produções artísticas periféricas, fomentando novos movimentos de artistas em contexto interiorano.









Herbário caiçara afetivo

Giovanna Consentini – fotojornalista, redatora, jornalista, produtora e pesquisadora paulista – desenvolve sua pesquisa em Paraty-RJ, onde as fotografias que compõem este projeto foram produzidas, junto a mulheres que escolheram, entre as plantas, as de maior sentido pessoal e de uso, compartilhando as suas e de suas mães, avós, tias, irmãs, cunhadas e mestras no manejo e usos dos matos e plantas de cura e proteção. O objetivo é mostrar um protagonismo feminino no conhecimento e na transmissão desses saberes, mesmo que o uso e a ciência dessas plantas não se restrinjam às mulheres. No projeto, Giovanna visa a se debruçar sobre quintais, roçados e jardins caiçaras de Paraty, a fim de resgatar, por meio de suas histórias de vida, de seus espaços domésticos e da memória coletiva de seus territórios, os caminhos que as formaram como mães, mulheres, agricultoras, curandeiras, cuidadoras, benzedoras e parteiras. Produziram juntas uma pequena amostra de um imenso universo de plantas e ervas que habitam a vida cotidiana dessas mulheres e de suas comunidades.









Plantear: a cianotipia entre a arquitetura e o paisagismo

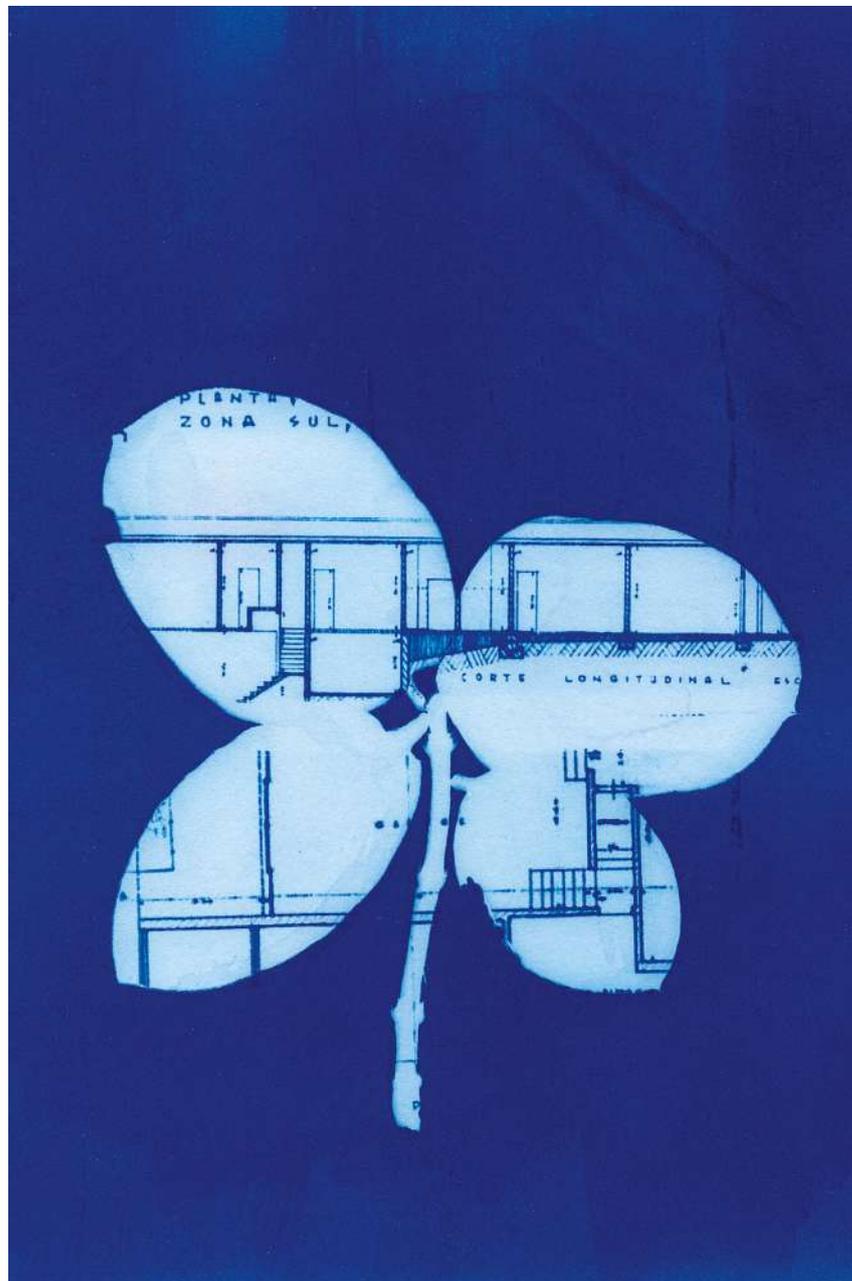
“Plantear: a cianotipia entre a arquitetura e o paisagismo” é um projeto do duo .:grão, composto pelos artistas Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos. O duo nasceu em 2015, pelo desejo de combinar a pulsão criativa de ambos os artistas.

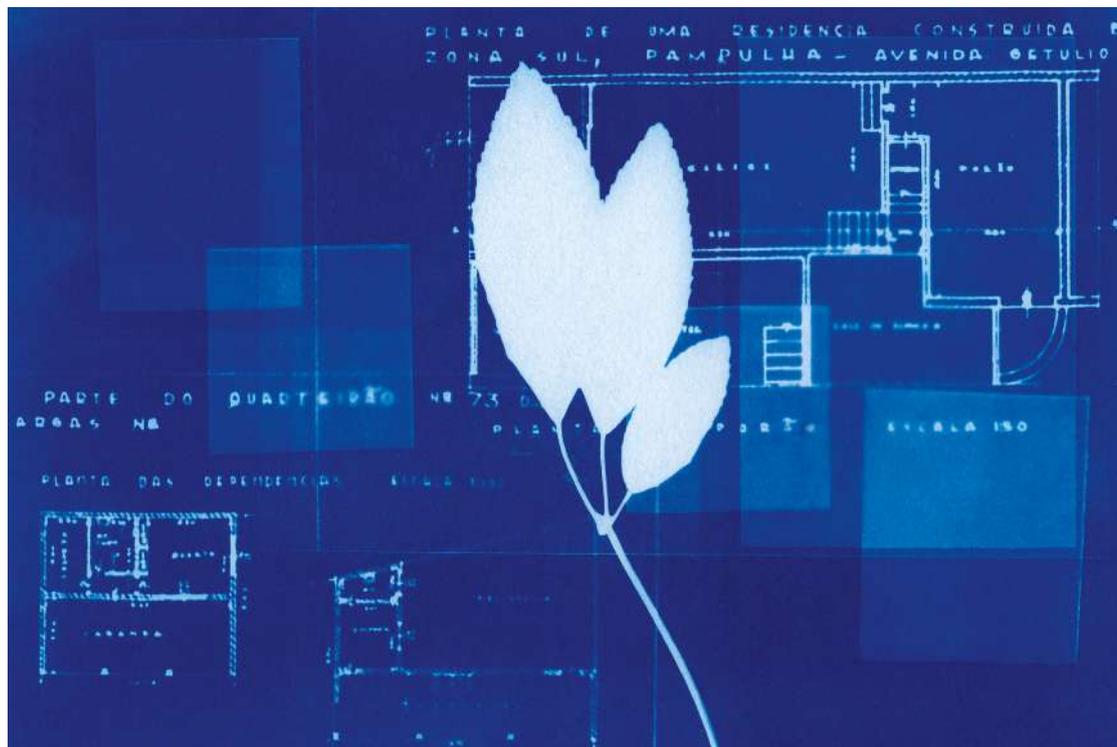
No projeto “Plantear”, apresentado ao XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, a dupla desenvolve seu processo de criação a partir do arquivo de plantas (arquitetônicas e botânicas) do Museu Casa Kubitschek, localizado no Conjunto Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte. Esse museu é considerado um importante marco da arquitetura modernista brasileira, tendo sido projetado por Oscar Niemeyer, com jardins planejados pelo artista e paisagista Burle Marx.

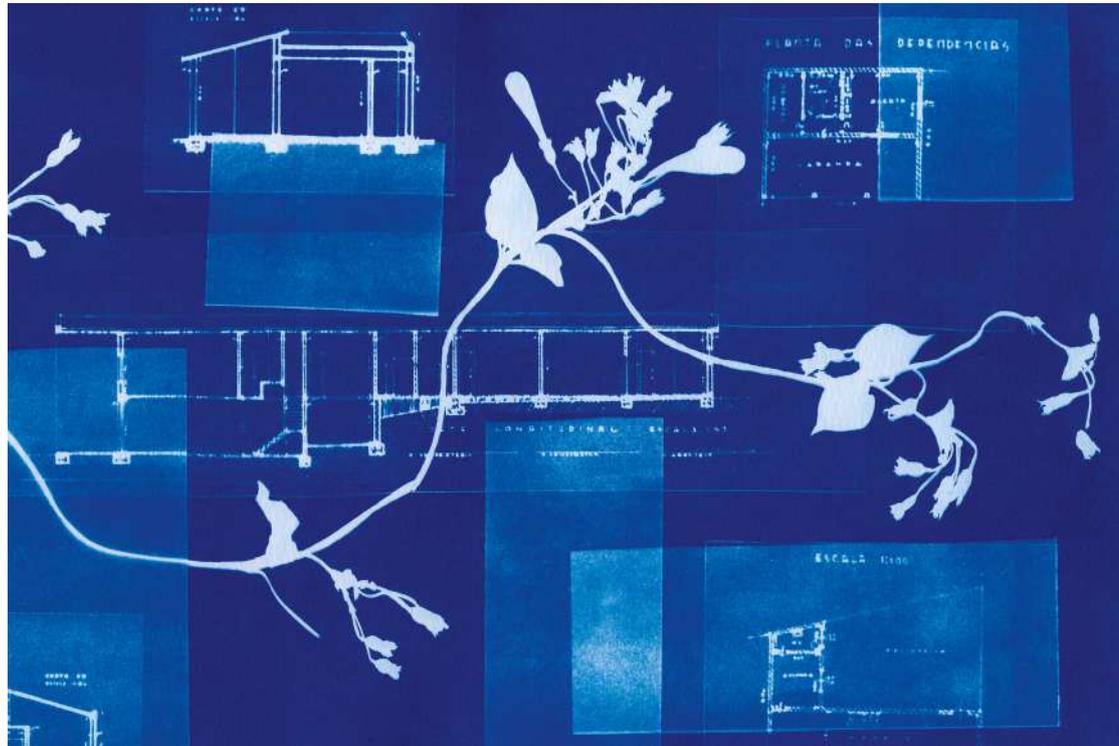
A partir do estudo das espécies vegetais presentes no jardim de Burle Marx e da imersão na arquitetura de Niemeyer, o trabalho dos artistas consistiu na produção de um conjunto de imagens tendo como técnica a cianotipia, mesclando elementos botânicos e arquitetônicos do museu. As imagens trazem como referência a polissemia da palavra “planta”, que pode assumir diferentes significados.

Nas palavras dos autores, suas obras são

fruto de uma convergência – de uma com-posição – de elementos históricos distintos que foram postos a conversar, num diálogo que percorre desde a superfície dos seus suportes até as profundezas de sua constituição química.







Cartografia afrorreligiosa do Rio de Janeiro

Com o intuito de mapear e documentar a presença das religiões de matriz africana na cidade do Rio de Janeiro, o fotógrafo Gui Christ, autor dos livros *Marrocos* (2017) e *Fissura* (2020), apresenta ao XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia o projeto “Cartografia afrorreligiosa do Rio de Janeiro”, no qual registra espaços, vestígios e personagens que marcam a religiosidade afro em território carioca.

Passando por locais que são referências, como o Cais do Valongo, Lapa e Morro da Conceição, o autor constrói uma imagética atravessada por elementos sagrados e simbólicos, procurando desvelar um Rio de Janeiro ainda marginalizado pelo poder, mas que resiste a todas as tentativas de apagamento.

Suas imagens revelam como a religiosidade afro transborda em cada esquina. Nas palavras do autor, “das matas, cachoeiras e praias às ruas, encruzilhadas e edificações, a fé dessas religiões ainda hoje pode ser vista materializada em todos os cantos da cidade”. Por meio desse mapeamento fotográfico, de caráter histórico e cultural, o artista lança luz a um tema fundamental da identidade brasileira.









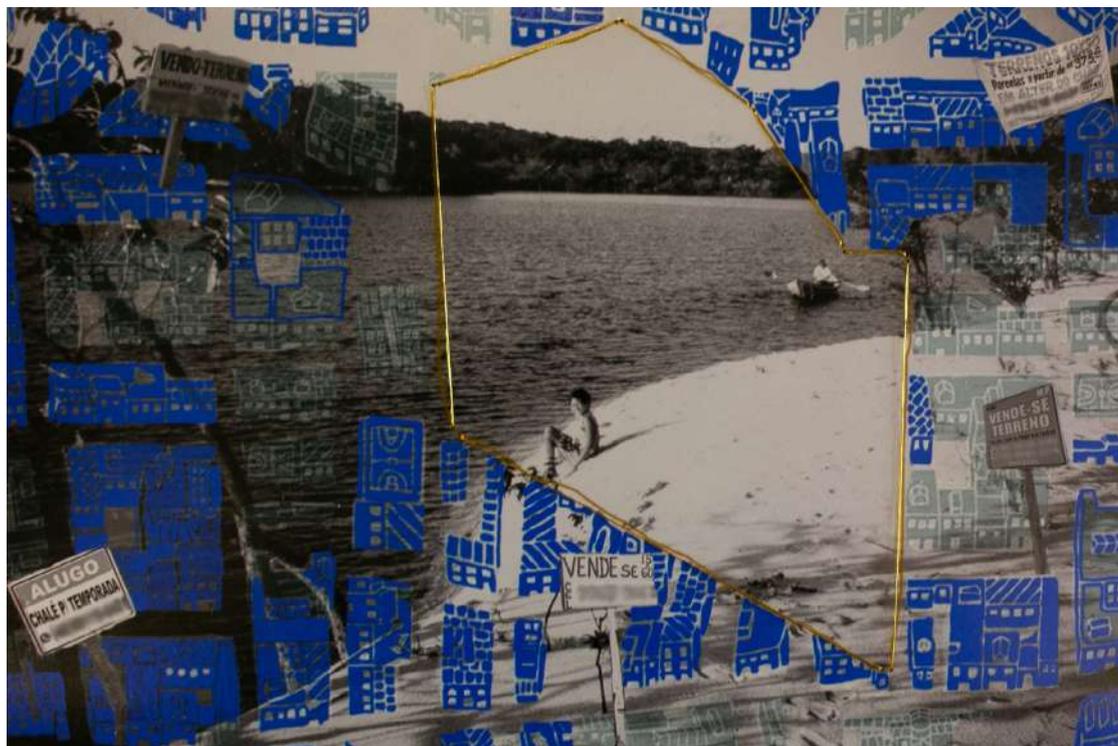
Álbuns originários

Quando me deparei com o Linktree de Júlia Dolce, fiquei com a impressão de que estava diante de uma mente inquieta e muito capaz. Graduada em Jornalismo e em Fotografia, sua produção nessas duas áreas é realmente prolífica. Apesar de muito jovem, Júlia tem construído uma interessante trajetória jornalística engajada política e socialmente. Ao revisar seus trabalhos fotográficos e textos jornalísticos, fiquei com a impressão de uma mulher com um nível de comprometimento profissional, que ultrapassa as fronteiras dos interesses jornalísticos. Júlia Dolce se compromete por se identificar humanamente com as pessoas com quem tem encontrado nas mais distintas realidades para onde o jornalismo a tem levado.

Entre suas trajetórias, um caminho a levou a Santarém-PA, onde se engajou com a luta das várias comunidades indígenas daquela região e constatou a necessidade de propor um projeto que identificasse uma relação entre os grupos étnicos e suas territorialidades correspondentes, por meio de registros fotográficos atuais e outros feitos pelos próprios moradores dessas comunidades. Conforme está descrito em seu projeto, do qual apresentamos apenas uma pequena mostra neste catálogo, diz Julia:

o projeto pretende selecionar fotografias do acervo pessoal das famílias indígenas, de modo a mostrar suas presenças históricas nos respectivos territórios. O processo de curadoria envolverá ativamente tais famílias. [...] O projeto busca, assim, promover um resgate histórico documental que colabore com o reconhecimento desses territórios como pertencentes a esses povos e, conseqüentemente, contribuir com a reaproximação identitária e cultural de diferentes gerações indígenas.





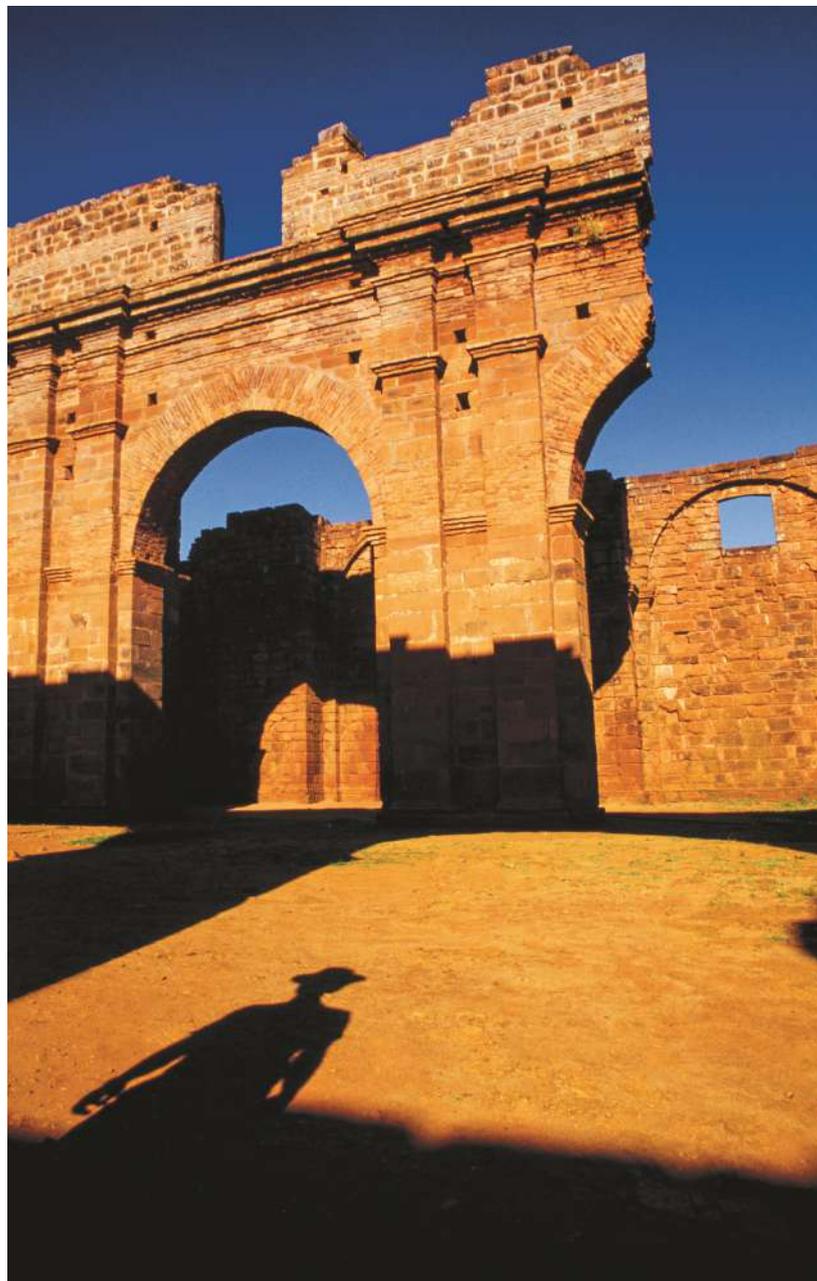




Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!

Leonid Streliaev é fotógrafo, jornalista e editor de livros de arte, com passagens em grandes veículos nacionais. Premiado nacionalmente, mostra-nos com o projeto "Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!", fotografias das ruínas das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul, apresentando o que restou num dos episódios mais pungentes da nossa história, a fim de resgatar a memória dessa população indígena vilipendiada e expulsa de suas próprias terras. As fotos de Leonid é um documento que valoriza nossa história e patrimônio.

Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!



Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!



Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!



Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!



Como escutar o som de um relógio

*O relógio tiquetaqueava, solene e profundo.
Era como se fosse o pulso seco daquela casa decadente.*

O trecho acima, retirado do livro *O Som e a Fúria*, de William Faulkner, inspirou o título do projeto “Como escutar o som de um relógio”, de Luciana Rodrigues. O projeto tem como objetivo principal a realização de um inventário das casas abandonadas da BR-020 entre Fortaleza-CE e a região dos Inhamuns, no interior do estado.

Uma reflexão sobre a arquitetura vernacular nordestina, agregada ao conceito de lar e abandono impulsionado pelas transformações socioeconômicas atravessadas pelas regiões visitadas, e de como essas casas resistem em um lento processo de decomposição, mesmo com a intensidade das chuvas durante determinado período do ano.

A artista realizou viagens que remeteram a seus tempos de infância, pelo fato de a região dos Inhamuns ser a terra natal de seus pais e o local onde ainda residem os seus avós. Sendo ela mesma testemunha do crescente abandono dessas casas, construídas à beira da estrada.

Mesmo sem informações sobre a história delas ou sobre quem viveu ali, o que interessava em sua pesquisa era a busca por traços, vestígios, de forma que pequenas investigações a conduzissem para uma reflexão sobre as diferentes rotinas existentes nessas edificações. O que pode ser percebido pelos objetos como móveis, utensílios pessoais e de cozinha, pinturas ou escritos nas paredes que foram deixados para trás.

Passado e presente se confundem neste projeto que não envolve, necessariamente, um tempo cronológico, mas talvez um tempo suspenso, que trata a respeito da memória de um local formado por resquícios e lembranças, sejam elas reais, sejam elas imaginadas.







Litoral

O projeto “Litoral” se apresenta como um estudo da paisagem como gênero visual. Para a sua pesquisa, o objeto escolhido da dupla de artistas Marcelo Hein e Lucas Eskinazi foi o litoral do estado de São Paulo, margeando toda a sua costa e voltando-se para as suas praias mais e menos turísticas, como as de Cananéia, Guarujá e Caranguatatuba.

Tendo como principal referência a fotografia de paisagem como gênero, da mesma maneira das pioneiras fotografias realizadas pelo inventor francês Joseph Niépce ou da visão de pintores viajantes como Canaletto, que utilizava a câmera obscura para realizar suas pinturas de paisagem, a dupla busca a natureza particular de cada uma dessas praias, sem estabelecer uma hierarquia de assuntos ou temas.

Também é importante destacar a presença humana como elemento integrante e formador dessa paisagem litorânea. Ao buscarem elementos como referência de composição e harmonia, foram utilizadas câmeras de médio formato para garantir maior nitidez dos detalhes em cena, alguns deles inspirados nos pontos de vista utilizados pelo fotógrafo italiano Massimo Vitali.

Junto das fotografias, os artistas também disponibilizaram uma série de vídeos no YouTube, formados por conjuntos de imagens conduzidas pela narração de

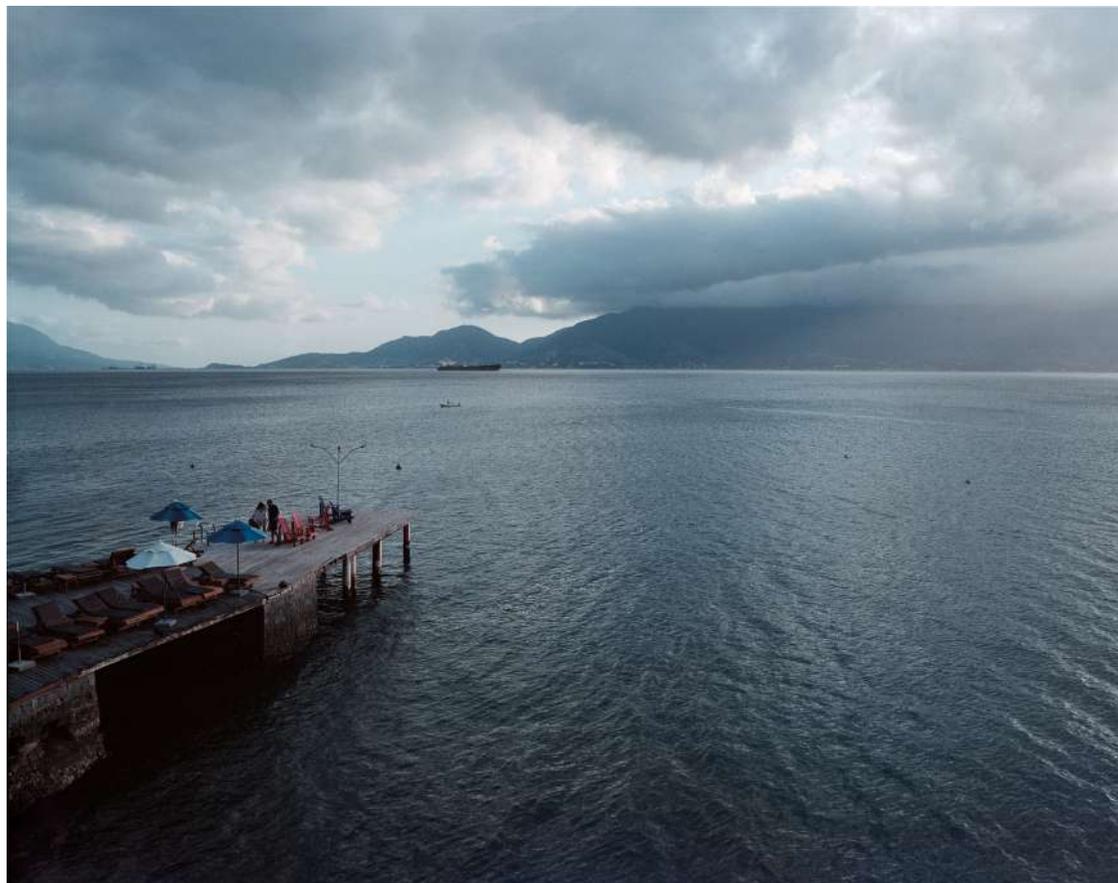
textos que são ao mesmo tempo descritivos e poéticos, uma espécie de exercício voltado para cada imagem, que remete a algumas produções audiovisuais de Agnes Varda.

Interessante perceber que estamos diante de um projeto visualmente desenvolvido sobretudo pela prática da observação, em que a formação da paisagem envolve pausas que inauguram um certo estado de suspensão, que só pode ser desfrutado a partir de um determinado tempo de espera.





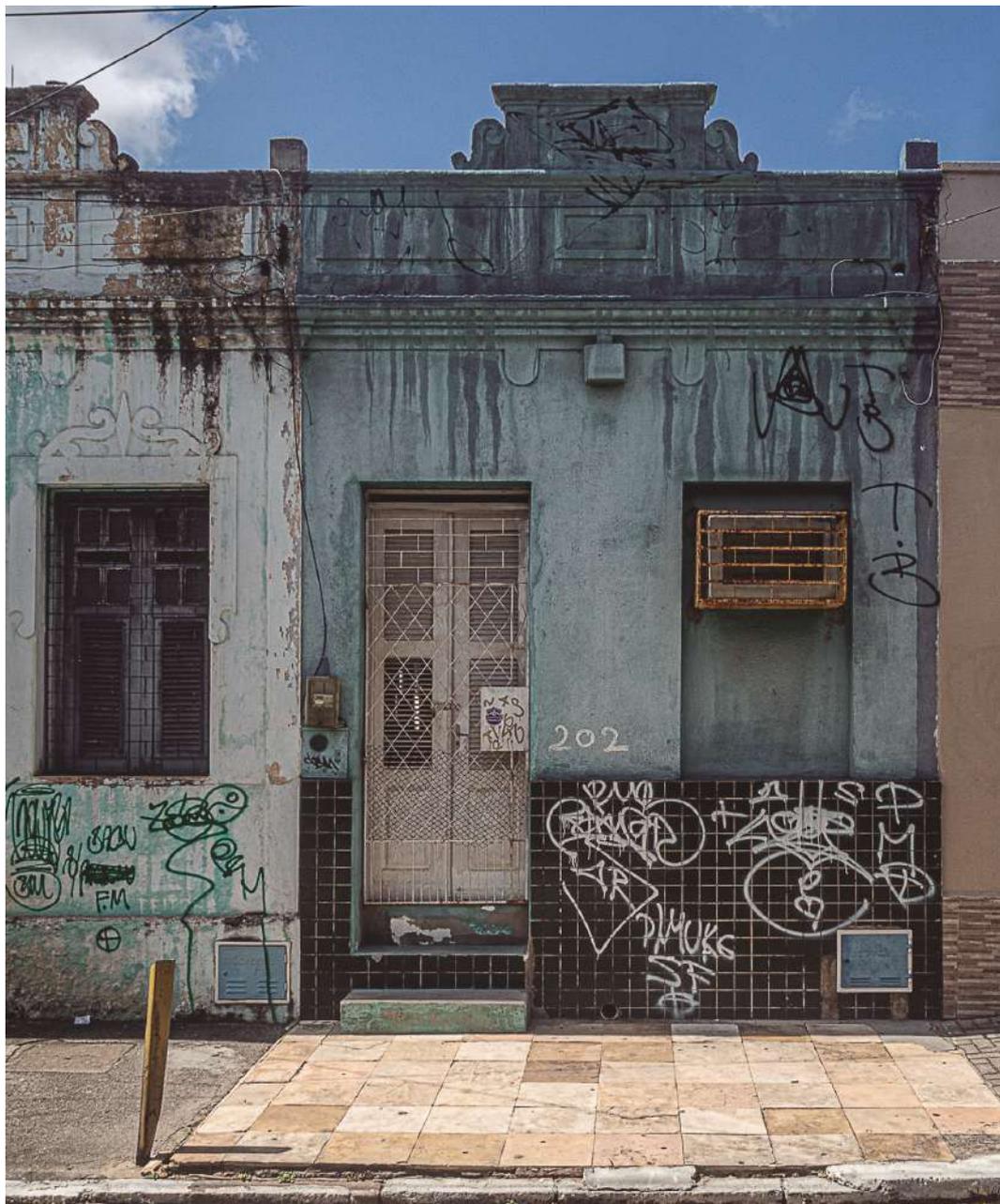




Casinhas feias: fachadas

Marcelo Barbalho tem uma relação com a fotografia de mais de 20 anos, passando pelo jornalismo até chegar ao trabalho autoral, no qual desenvolve seus projetos; também se faz presente como educador. No projeto “Casinhas feias: fachadas”, Marcelo faz uma denúncia contra a pressão da especulação imobiliária nos grandes centros, como Fortaleza, onde a arquitetura horizontal dá lugar à verticalização e à destruição do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade. Casas de inestimável valor histórico vão ao chão, atingindo a memória da pessoa, das pessoas, da comunidade, da cidade, do estado. Mudando todo um jeito de ser e de viver. Este documento será uma testemunha do que foi um dia, das memórias vividas. O conjunto de imagens se mostra fundamental para a preservação dessa memória.









Mata-fina: a história dos charutos baianos que conquistaram o mundo

O fotógrafo e jornalista Marcio Pimenta tem uma longa trajetória em seu campo profissional, com publicações em diferentes meios de comunicação: *National Geographic*, *Rolling Stone*, entre outros. Sua atuação se estende ao âmbito internacional, como foi o caso da cobertura da guerra contra o Estado Islâmico no Iraque. Essa experiência o coloca diante do “renascimento das mulheres Yazidis”, que resultou no livro publicado em 2020, *Yazidis*.

Com o projeto “Mata-fina: a história dos charutos baianos que conquistaram o mundo”, realizado no Recôncavo Baiano, Marcio Pimenta pretende resgatar a história da fabricação de charutos daquela região como uma forma de valorizá-la como patrimônio cultural brasileiro. Ele entende que

com uma produção quase que totalmente feminina, o tabaco cultivado no Recôncavo Baiano é um produto essencialmente brasileiro que briga por um espaço no mercado nacional e internacional, preservando o saber do manuseio da terra, da matéria-prima e do trabalho de

produção de charutos que culminaram na primeira grande indústria a se desenvolver no interior do Brasil.

Resulta disso, para nossa apreciação, um trabalho tecnicamente rico em detalhes e em sensibilidade. Márcio se utiliza das formas desenhadas pela difícil arte da fotografia em preto e branco para nos brindar com imagens que nos levam a uma sensação de imersão ímpar naquela realidade. O sentimento que me provoca ao observá-las é de que o fotógrafo consegue transmitir sua própria experiência de “adentramento” naquela cultura. Ao se colocar em meio às folhas do tabaco junto com uma trabalhadora, por exemplo, utilizando recursos e composições visuais, entre o jogo de luzes e sombras e variedade tonal, somos levados com eles a quase sentir o cheiro daquelas folhas por meio da imagem com que ele nos presenteia. Entendo, portanto, que se trata de um trabalho pertinente não somente pelo resultado visual, que por si só me pareceu excelente, mas também pela tentativa de resgatar a valorização de uma prática social e econômica que mobiliza uma região periférica e ressalta o protagonismo de mulheres negras que teimam em construir sua agência por meio do trabalho e da valorização de uma prática centenária.







Mata-fina: a história dos charutos baianos que conquistaram o mundo



Bumba Meu Boi do Maranhão: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

Márcio Vasconcelos vive em São Luís do Maranhão, onde atua como fotógrafo apresentando ao Brasil e ao mundo a diversidade da cultura popular desse estado, por meio de uma fotografia também diversa em cores e alegria. Como fotógrafo autodidata e independente, ele vem colecionando vários reconhecimentos e prêmios em concursos fotográficos e culturais, tanto em âmbito local como nacional. Entre esses vários reconhecimentos, estão nada mais que o XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, com o projeto “Na trilha do cangaço – o sertão que Lampião pisou” e o XIV Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, com o projeto “Visões de um poema sujo”, em que o artista esbanja ousadia e visceralidade.

O projeto apresenta, por meio dessa mínima seleção de imagens, o universo colorido e potente do Bumba Meu Boi, que vem sendo realizado há mais de 30 anos. Como está escrito em sua *home page*:

as formas de festejar [o Bumba Meu Boi] são várias, associadas a regiões e tradições culturais específicas que resultam na pluralidade de estilos

ou sotaques que caracterizam o bumba meu boi maranhense, entre os quais os mais conhecidos são os sotaques de matraca, zabumba, baixada, orquestra e costa-de-mão.

De modo geral, seu trabalho se caracteriza por um olhar fotográfico aliado à pesquisa antropológica e social, elementos que podem ser observados facilmente em seus registros visuais.

A fotografia de Márcio Vasconcelos me provoca de muitas maneiras, entre elas: como pessoa, por entender que se trata de alguém sensível aos processos culturais que caracterizam a regionalidade brasileira; e como fotógrafo, por entender que se trata de um profissional dedicado e atento à importância de pensarmos sobre o nosso patrimônio cultural imaterial. Em ambas as condições e de ambos os lugares, eu vejo um resultado fotográfico de alguém que se aproxima da realidade de um povo simples e apequenado social, política e economicamente, para engrandecê-lo em dignidade. Trata-se, a meu ver, de um fotógrafo que se faz próximo no movimento que caracteriza suas imagens e que registra a interioridade de seus fotografados por meio das cores e luzes que compõem a cultura por eles vivida.









Angelus: postais de uma cidade invisível

Maria Baigur é uma artista visual baiana que busca, nos seus trabalhos, o diálogo entre fotografia e objeto, e seus possíveis desdobramentos em instalações e histórias. No projeto “Angelus: postais de uma cidade invisível”, Maria retrata a cidade do Rio de Janeiro de um ângulo inusitado com seus protagonistas, trabalhadores das coberturas e telhados da cidade em seu momento de trabalho e até de descanso, cena comum em todos os grandes centros do Brasil, como diz a autora. Um verdadeiro *backstage* da cidade: restos, emaranhados, fios, caixas d’água e antenas. Seu olhar é sensível ao mostrar o abismo social que existe entre os trabalhadores e os que ocupam esses espaços com belas composições e seus maravilhosos detalhes; contemplá-los me faz perceber que cada foto recebeu um tratamento cuidadoso, nos contrastes e tons de cinza.









Memorial de fachadas

Com graduação em Artes Plásticas e mestrado em Artes, Maria Figueiredo Vaz vem colecionando títulos por meio de reconhecimentos em importantes concursos de arte e fotografia, como o caso de um dos mais desejados por muitos profissionais do audiovisual: o Prêmio Pierre-Verger, em 2021.

Com projetos visuais criativamente sensíveis, essa jovem artista vem construindo um caminho, tal como “Três Ranchos”, ora se faz pela longa estrada ferroviária que se estende pela larga trajetória da memória de seus moradores, ora se faz com aquele chão onde “Zé, descalço, pisa em terra que anda”.

Antes de comentar sobre seu trabalho, deixo-a falar por ela mesma, que faz bom uso das palavras assim como o faz das imagens:

Na pequena cidade de Três Ranchos, algumas casas resistem junto às memórias daquele outro tempo, quando os dias passavam sem que lhes notassem as horas. Anos depois, no lugar onde um certo progresso veio fazer ruínas, encurralar o rio e interromper os trens, essas casas contam as histórias dos que um dia abrigaram. Na estação onde parava o trem, uma família espera alguém chegar ou partir, mas há muitos anos já não chega nem parte ninguém, nem gente, nem trem. Existem poucas coisas mais bonitas que ver um trem passar, uma delas é, talvez,

ver a estação ir embora. Que logo já vem outra, no entremeio de uma vida que passa fora, enquanto o Zé ainda está lá dentro, descalço, pisando em terra que anda.

Recordo que quando avaliávamos o projeto de Maria Vaz para este concurso, fomos atraídos pela sensibilidade e qualidade do trabalho. O que apresentamos é, portanto, apenas um fragmento dessa qualidade admirável que seu trabalho representa. Impossível visitar essas fotografias e memórias sem que sejamos levados a visitar nossas próprias memórias que fazem parte da construção de nossas histórias e identidades. Trata-se de um trabalho que vai além das imagens. Em sua *home page*, na qual apresenta este projeto completo, Maria Vaz nos entrega um resultado audiovisual encantador, próprio dos bons contadores de histórias, neste caso de “histórias”. Por isso, convido a visitarem a *home page* da artista, para pegar junto com ela a estrada rumo a Três Ranchos que, apesar do asfalto que cobriu os trilhos do trem, ainda é um caminho de histórias feitas de memórias.









Fogo aberto (ou abrir fogo)

Com formação acadêmica admirável, a artista visual, fotógrafa, pesquisadora, pensadora e doutora mineira, Marilene Ribeiro tem como foco assuntos contemporâneos, notadamente os relacionados a Direitos Humanos e Direitos da Natureza.

No projeto “Fogo aberto”, Marilene Ribeiro dialoga por meio da linguagem fotográfica com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU. Com seu olhar alerta e sua pesquisa, traz a nós beleza, técnica e refinamento, transmitindo sua preocupação com o futuro das nossas florestas. Marilene mergulha no Parque Nacional da Serra do Cipó nos municípios de Jaboticatubas, Morro do Pilar, Nova União, Santana do Riacho e Taquaraçu de Minas. Nesses lugares, registra em película toda a beleza deles, submetendo os negativos ao fogo, o mesmo fogo que destrói nossas florestas, sendo aqui trabalhado na obtenção de imagens que jamais serão como antes do fogo, como nossas florestas. Essa técnica nos traz imagens de resultados surpreendentes pela plástica causada pelas chamas.

Fogo aberto (ou abrir fogo)



Fogo aberto (ou abrir fogo)



Fogo aberto (ou abrir fogo)



Fogo aberto (ou abrir fogo)



Erosão

Como um projeto que se situa entre a livre criação e o documento imaginário consegue articular as questões trazidas pelo impacto ambiental produzido pela atividade humana no planeta por meio de imagens que realmente impressionam?

A partir de visitas às localidades de São João del-Rei, Tiradentes e Santa Cruz de Minas, que integram a Bacia do Rio das Mortes, o artista Marlon de Paula, natural da região do Vale do Rio Doce, consegue relacionar as heranças culturais deixadas pelo extrativismo mineral do ciclo do ouro, no século XVII, às práticas atuais de ocupação desses mesmos espaços.

Segundo palavras do autor, de acordo com uma pesquisa iniciada há 4 anos e ainda em curso, apresenta-se como uma

cartografia imagética sobre as transformações físicas de um território continuamente afetado pelo processo de lixiviação e erosão e os impactos causados pelo desmatamento e a intensa especulação imobiliária.

O projeto procura ampliar o debate sobre a necessidade de se pensar em políticas de preservação e mitigação dos impactos urbanos sobre a fauna e a flora da região. Assim, "Erosão" apresenta imagens saturadas, de atmosfera por vezes

onírica e imagens de arquivo das iconografias paisagísticas produzidas pelos artistas viajantes no início do século XIX. O objetivo principal é alertar a sociedade sobre a necessidade de repensar formas de ocupação do espaço urbano, em meio há anos de desmatamentos e outras atividades predatórias que prejudicam o ecossistema local, permitidas por um ciclo vicioso de exploração que infelizmente não cessa.









Xukurus do Ororubá

O fotógrafo Mateus Sá tem se dedicado a este projeto há mais de 20 anos. Com graduação em Ciências da Comunicação e especialização em Comunicação e Cultura, seu olhar de comunicador certamente tem contribuído para realizar uma diversidade de trabalhos que tratam da vivência e experiências de tantas vidas que se encontram nas periferias do capitalismo. Ele é autor dos livros *Luz do litoral*, de 2005, e de *Lugar das incertezas*, de 2019. Neste último, o fotógrafo dá mostra de sua intimidade com a luz. O reconhecimento de seu talento também tem sido algo alcançado por meio de concursos, tais como o Prêmio Pernambuco de Fotografia, em 2019; e foi finalista do Prêmio Porto Seguro de Fotografia, em 2009, com o trabalho “Eu por ele e ele por mim”.

O projeto apresentado para o XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, “Xukurus do Ororubá”, vem sendo realizado desde 2000 no município de Pesqueira, região agreste de Pernambuco.

Segundo Mateus Sá, seu principal interesse com esse projeto seria, a partir dessas imagens,

levar ao conhecimento de uma parcela maior da população, as tradições e costumes do povo Xukuru do Ororubá [...], contribuindo assim, com a divulgação da cultura e das raízes ancestrais brasileiras.









Ventos do norte

Desenvolvido por Mauricio Igor, artista visual natural de Belém-PA, o projeto “Ventos do norte”, contemplado pelo XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, apresenta um estudo visual sobre a gambiarra como cultura, estética, processo criativo e ferramenta de memória na realidade amazônica.

Por meio da apropriação das imagens e histórias de ventiladores quebrados e consertados por gambiarras diversas, o projeto coloca em discussão não apenas práticas culturais e estratégias de resistência cotidianas, mas também a questão socioeconômica que faz com que as populações tenham de criar soluções criativas para seus problemas, usando como referencial um objeto tão importante e presente como o ventilador, quase obrigatório nos lares amazônicos.

A ideia para o projeto surgiu de uma experiência pessoal do autor que, ao ter seu ventilador quebrado, só conseguiu consertá-lo com uso de fios, pincel e um livro. Depois disso, refletindo sobre como esse processo é bastante comum, resolveu procurar outras histórias semelhantes. As imagens apresentadas por Mauricio Igor trazem a engenhosidade e a criatividade que atravessa os fazeres cotidianos, além de trazer a importância dos mecanismos de sobrevivência e adaptação frente às adversidades.









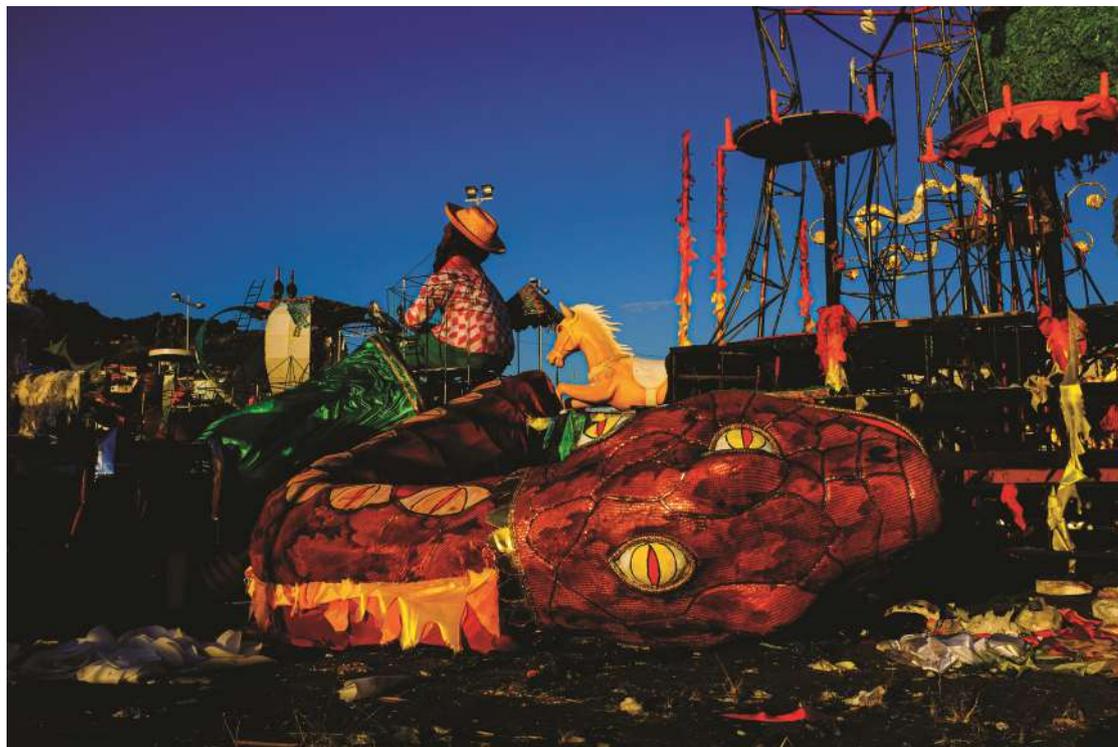
Desafios criativos

O artista visual e pesquisador Miro Soares apresenta ao XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia o projeto “Desafios criativos”, que teve como objetivo estimular a produção de jovens artistas do Espírito Santo, no campo da fotografia contemporânea.

O projeto foi incluído no programa de atividades do Clube de Criação do FRAME – Núcleo de Fotografia, uma plataforma de reflexão, produção de arte e fotografia do contexto extensionista da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que se dedica a explorar uma ampla compreensão das práticas fotográficas na sociedade contemporânea.

Os “Desafios criativos” se estruturaram em dez propostas temáticas de criação de séries fotográficas e na realização de cinco encontros de apresentação e debate dos trabalhos desenvolvidos. As pesquisas e produções dos participantes receberam ampla divulgação digital, favorecendo aos novos artistas a participação em diferentes espaços de difusão e produção artística.









O mundo da grande Lagoa Manguaba

Pablo De Luca tem sua formação imagética na Argentina, onde realizou diversos cursos. Sua investigação acontece durante a última década na Lagoa Manguaba em Marechal Deodoro-AL. O autor se relaciona não só com a paisagem natural, mas também com os personagens e costumes do local. Sua pesquisa enaltece as belezas naturais, valorizando a geografia e os costumes do povo que lá residem e obtém seu sustento por meio da pesca artesanal feita da mesma maneira há décadas.

No seu conjunto de imagens, Pablo mostra sua capacidade criativa por meio de composições bem elaboradas com cuidado e técnica apurados na sua concepção, revelando-nos belíssimas imagens desse santuário, indo ao encontro dos objetivos do XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia.









Olhares culturais: a história através das paisagens de Arambaré

Paula Solaris, atriz, *performer*, produtora, realizadora audiovisual e pesquisadora gaúcha, propõe-se a contar a história do território rio-grandense e sua importância cultural para o Brasil por meio das paisagens de Arambaré, cidade turística e ecológica banhada pela Lagoa dos Patos e conhecida como Capital das Figueiras, árvores centenárias da Mata Atlântica. Paula busca no projeto difundir e fortalecer a potência cultural e turística, e impulsionar o turismo sustentável de Arambaré, ao registrar de forma poética e informativa os seus patrimônios imateriais que contam a história da região por meio de suas paisagens, como a Lagoa dos Patos, a Figueira da Paz e as dunas de areia, lar de uma espécie de lagarto ameaçado de extinção que só é encontrado nessa região. Paula utiliza o processo analógico para desenhar sua poética.





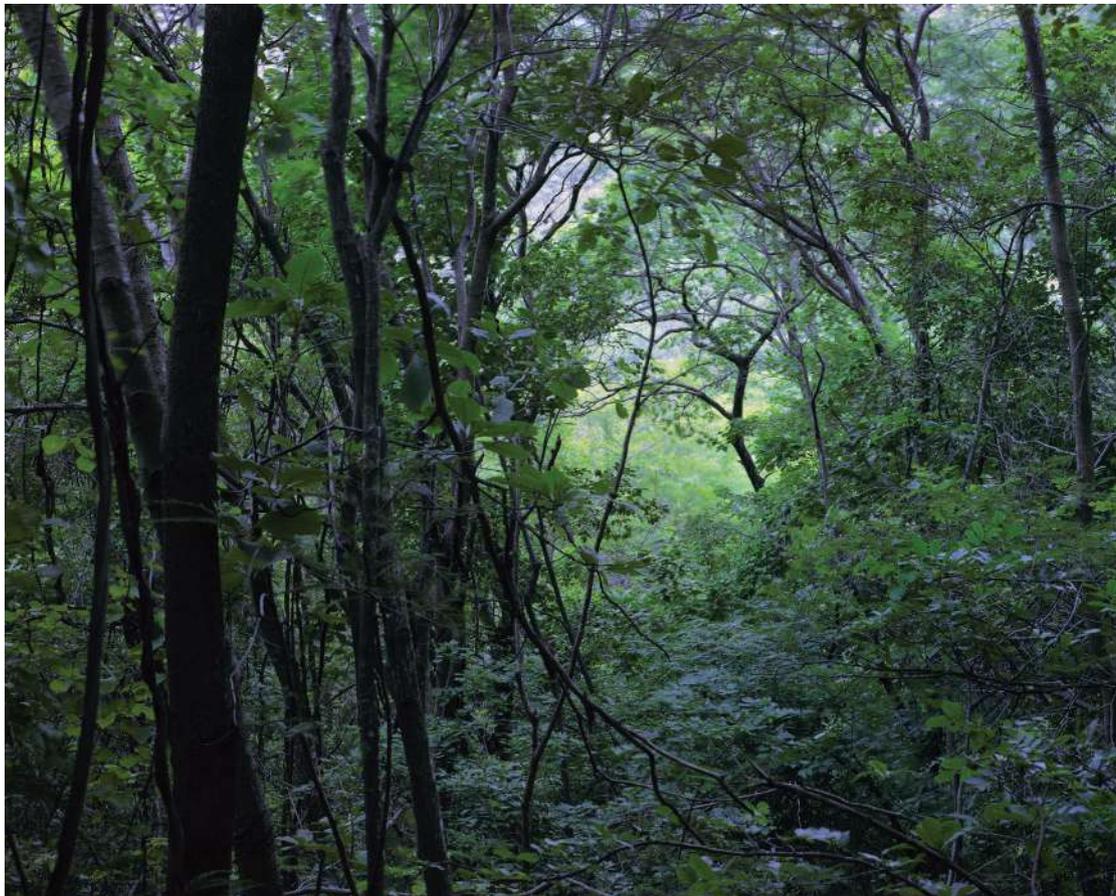




Campo cerrado

Pedro David, mineiro de Santos Dumont, artista visual, jornalista, pós-graduado em Artes Plásticas e Contemporaneidade. Nome presente em diversas coleções públicas e privadas no Brasil e no exterior, também é autor de diversos livros. Presenteia-nos com mais um projeto inédito de interpretação imagética sobre o bioma Cerrado, criando um documento fotográfico pictórico sobre o que ainda resta desse importante bioma brasileiro, visto que sua degradação é crescente e irreversível e pode levar a seu fim em um tempo próximo. Pedro tem neste projeto um alerta para o público sobre previsões científicas e políticas que vêm sendo realizadas há tempo. Com imagens que surgem de uma certa ingenuidade e nos fazem mergulhar numa séria reflexão e no colorido e denso Cerrado.









Saberes e fazeres da agricultura familiar

Desenvolvido nos municípios de Bom Jardim, Nova Friburgo e Trajano de Moraes na região serrana do Norte Fluminense, este projeto pretende valorizar a importância do papel da agricultura familiar na garantia do direito básico à alimentação. Por meio de um livro disponibilizado na *internet*, composto por fotografias e informações sobre conhecimentos tradicionais relacionados à preservação do meio ambiente e à vida no campo, o projeto pretende apresentar técnicas e fazeres que sejam voltados para o turismo rural e sustentável.

A pesquisa se deu pelo registro do cotidiano de seis famílias de agricultores dessas regiões, revelando práticas agroecológicas, que envolvem o cultivo de ervas medicinais para a produção de pomadas e tinturas, além da elaboração de alimentos como a broa no forno a lenha, o fubá em moinho d'água, a bananada sem açúcar, entre outros saberes. A importância da produção agrícola dessas comunidades rurais vem de longa data, e muitas práticas de cultivo foram repassadas por meio da oralidade, de geração para geração.

A proposta, apresentada pelo Instituto de Imagem e Cidadania do Rio de Janeiro, também pode ser vista como uma oportunidade de reconhecimento para a

valorização da cultura e da produção agroecológica nos territórios rurais. É merecido destacar que esse é o segmento que produz a maior parte dos alimentos que consumimos e que foi de fundamental importância no período da pandemia da covid-19, devido à necessidade de se comer mais em casa e se comprar diretamente dos agricultores familiares.









Entre tramas e labirintos

A partir do registro visual e sonoro das tradições e transformações vividas por Canoa Quebrada-CE, o projeto “Entre tramas e labirintos”, da artista visual e fotógrafa Raquel Gandra, traz a público a riqueza de um lugar de importância cultural, artística e histórica para o Ceará.

A proposta de trabalhar as memórias e histórias do local surgiu pelo laço afetivo que a artista estabeleceu com a comunidade em viagens realizadas ao longo dos anos, acompanhando os processos de transformação da cidade, assim como o avanço do turismo e das modificações econômicas e estruturais trazidas com isso.

Por meio de suas imagens e do trabalho com narrativas orais, transformadas em poemas, o projeto coloca em discussão algo que está para além do contexto de Canoa Quebrada – o conflito entre a sobrevivência das tradições e dos saberes comunitários frente aos processos de globalização e expansão turística e imobiliária. Para a autora,

Canoa Quebrada encontra-se num estado entre passado e presente. Um estado transitório que pode ser visto como fonte de resistência e de inspiração na busca por equilíbrio e por diálogos possíveis em torno da ideia de sustentabilidade, seja na relação dos habitantes com a natureza, seja na relação entre os turistas/visitantes com a terra e sua cultura.









Boi na lente: formação fotográfica e artística na zona norte de Teresina

Teresina é uma das cidades do Nordeste representativas do patrimônio artístico e cultural do Bumba Meu Boi, que, assim como outras regiões, precisam de apoio de políticas públicas voltadas para manter essa tradição viva.

O grupo de Bumba Boi Touro da Ilha, o único atualmente da Zona Norte de Teresina, é formado por brincantes do Bumba Meu Boi Estrela Dalva e do Dominador do Sertão, ambos também gerados nessa zona da cidade. A região, que sofre com tentativas de desapropriação, além de todo o desamparo estrutural de saúde, educação e lazer, tem na ação de seus integrantes o fazer da brincadeira – como é chamada a tradição – uma forma de resistência.

Para isso, foi criado e gerido pela Associação Centro de Defesa Ferreira de Sousa, entidade de representação das famílias da região que vivem ameaçadas de remoção, o Museu da Boa Esperança, plataforma digital do museu físico feito em parceria com diversas outras organizações pela luta dos povos e comunidades tradicionais que habitam a região das Lagoas do Norte de Teresina.

O acervo da plataforma visa a abrigar ensaios, exposições, material audiovisual e documentação que tratam não apenas da prática fotográfica, mas também do espaço à potencialidade de seus desdobramentos como um meio de preservação e valorização da própria comunidade. Os olhares aqui apresentados por meio desses registros contribuem para a renovação e continuidade dessa rica e importante tradição.









Sobô nirê mafá

O projeto “Sobô nirê mafá” consiste em uma pesquisa fotográfica sobre os aspectos materiais e imateriais da religiosidade da Jurema Sagrada, na região metropolitana de Recife-PE. Realizado pelo artista visual Rennan Peixe, cujo trabalho enfoca a identidade negra por meio da fotografia, este projeto culminou na produção de exposição física e virtual.

As imagens produzidas por Rennan Peixe têm, como pano de fundo, o reconhecimento cultural e patrimonial da memória afro-indígena, sendo a fotografia um instrumento de fortalecimento de uma resistência coletiva. Para ele, a imagem é “um discurso visual que influencia diretamente a construção do imaginário social na luta contra o racismo e a favor do reconhecimento das manifestações culturais diaspóricas”.

A Jurema Sagrada, religião amplamente difundida no Nordeste brasileiro, conflui sentidos e subjetividades que envolvem plantas, territórios, crenças e histórias ancestrais. As fotografias do artista fazem jus a essa complexidade cosmológica.

Nelas, estão presentes diferentes camadas de compreensão do tempo, do espaço e da memória.









Terra em trânsito

Rodrigo dos Santos Zeferino é mineiro e atualmente reside em Ipatinga, interior de Minas Gerais. Graduou-se em Comunicação e Artes e fez especialização em Artes Plásticas. Em sua trajetória fotográfica, tem acumulado o reconhecimento no meio artístico, nacional e internacional, entre prêmios e exposições individuais e coletivas. Um de seus últimos prêmios foi em 2021, o *landé Photographie – Photo Doc Paris*. Seu trabalho também compõe atualmente a Coleção Pirelli/MASP de Fotografias e a Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM, entre outras.

A fotografia de Rodrigo Zeferino se apresenta com uma rica e bem trabalhada combinação entre luzes, sombras e cores habilmente elaboradas. Complementarmente a isso, a apresentação escrita de seu projeto mostra sua aguda capacidade de abstração por saber transformar dados socioeconômicos contundentes em uma história relevante e atraente que nos encanta no visual e nos desperta na crítica sobre os resultados de uma política econômica predatória, que retira de um povo aquilo que ele tem de mais precioso: as riquezas de sua terra.

Com um olhar atento ao que está em seu entorno, o fotógrafo descreve seu contexto com muita propriedade:

a maior parte dessa riqueza gerada nas minas mineiras é escoada pela Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) até o litoral capixaba [...].

O projeto “Terra em Trânsito” propõe a investigação de trechos da EFVM com fins de produzir um discurso visual, capaz de lançar luzes sobre os modos de vida adotados pelas comunidades instaladas ao longo da linha [ferroviária].

Ao ler o projeto de Rodrigo Zeferino em complemento com sua fotografia, tive a sensação de estar diante de um projeto audiovisual, pois suas descrições me levaram a uma composição visual em movimento: via um trem pesado passando carregando “nas costas” a riqueza mineral de sua cidade natal. Pouco a pouco, a cidade se desfazia em poeira, passando diante da vista de seus moradores que viam, impotentes e perplexos, sua terra se esvaindo no ar.







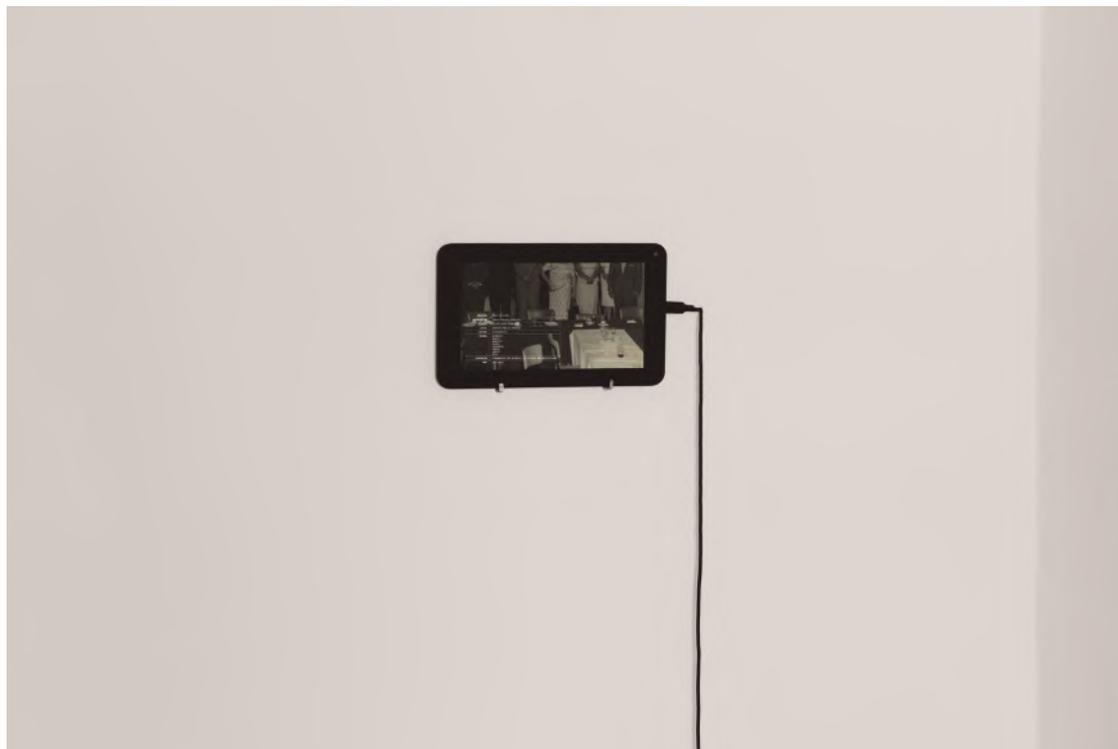


Museu do comer

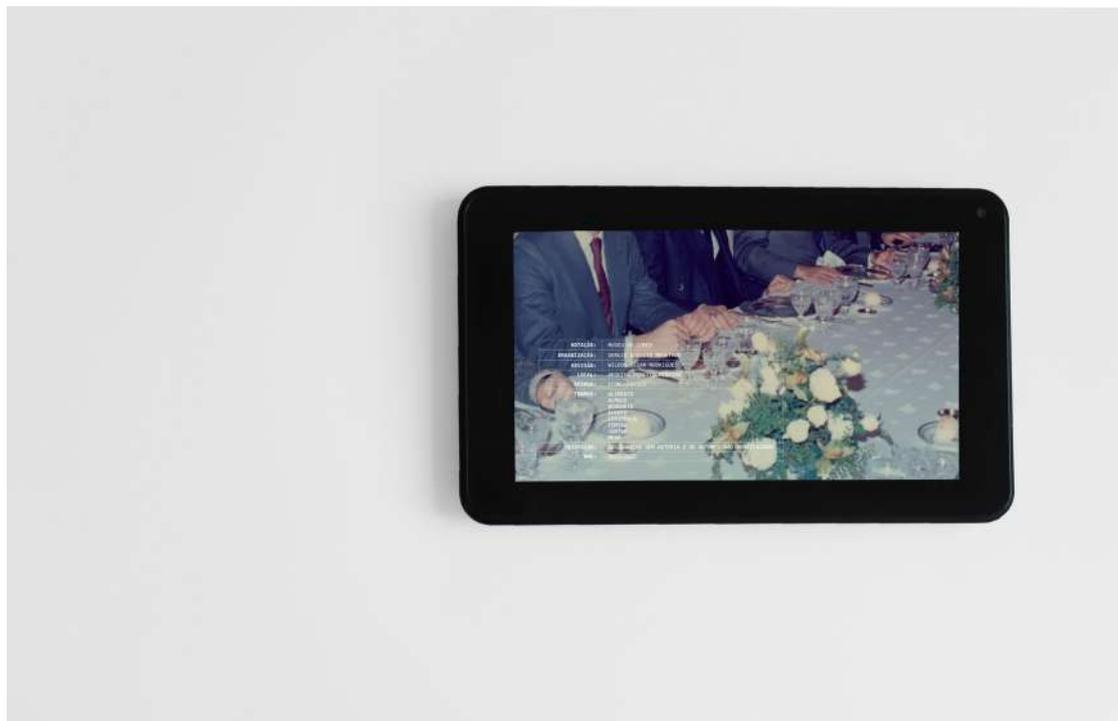
Este é um projeto de grande potencial, pois apresenta uma investigação em desenvolvimento, interessada na relação entre o campo da imagem e o da alimentação. Trata-se de uma reflexão sobre o “dinamismo social do comer”, estabelecido pelas iconografias do “sentar-se à mesa”, segundo palavras do próprio autor, Sergio Augusto Medeiros.

A partir de pesquisa realizada em arquivos, acervos e coleções públicas como as do Arquivo Público Mineiro e do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, o projeto resgata fotografias sem autoria e de autores não identificados, que transcorrem sobre a tradição e a inovação do ato de comer e de beber, bem como sobre a gestualidade presente enquanto elemento turístico e patrimônio cultural.

Importante destacar que o projeto abrange Minas Gerais, onde a chamada cozinha mineira é marcada pela fusão de outras diversas culinárias (de origem indígena, africana e europeia) e cujo modo de exercer a experiência do comer ultrapassa as fronteiras meramente geográficas. O fruto dessa pesquisa iconográfica terá a concepção de uma *web art*, com obras realizadas em um canal de experiências visuais ao visitante. “Museu do comer” se apresenta como um projeto híbrido de livre criação e produção acadêmica de interesse pelo registro histórico da memória, da imaterialidade e da constituição de um sistema alimentar regional, por meio de uma abordagem multiplicadora e não hierárquica, salpicada por diferentes visualidades do “comer”.









Saberes da mata

Formada em Comunicação Social, Sirli Freitas tem experiência como fotojornalista esportiva. Desenvolve trabalhos com uma perspectiva fotodocumentarista, sobretudo com um aspecto mais autoral, o que pode ser bem observado e apreciado no projeto intitulado por ela como “Saberes da mata”, que também dá o nome ao projeto premiado pelo XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia.

Trata-se, portanto, de um projeto, como a própria autora denomina, de “webdocumentário” sobre a etnia kaingang, radicada na Reserva Indígena Aldeia Kondá, em Chapecó, interior de Santa Catarina. O trabalho pretende contribuir para salvaguardar o patrimônio cultural que aquela comunidade procura preservar. O foco de sua pesquisa e de seu resultado audiovisual é os saberes ancestrais relacionados ao uso medicinal das plantas e as curas delas provenientes. Dito em suas palavras,

a ideia [do projeto] é, por meio da fotografia, do vídeo e da oralidade, construir uma iconografia, dando um corpo documental pra esse patrimônio, registrar e comunicar esse conhecimento kaingang sobre a cura, sobre essa relação respeitosa e harmoniosa com as matas e a floresta, além de salvaguardar um importante patrimônio da humanidade.

Percebo o resultado deste trabalho a que se propõe Sirli Freitas como um desvelamento de uma ancestralidade a que a fotógrafa se deu o tempo de se deixar tocar. A sensação de que suas imagens me passam é de que, mais do que se preocupar com a realização de grandes imagens, ela procura muito mais estar lá com essas pessoas, deixando-se abraçar por suas vidas e conhecimentos, apresentados a ela com gratuidade e compartilhados com gestos concretos de generosidade. A mesma generosidade que se apresenta nessas imagens potentes e sensíveis, revelando a beleza do e no olhar de quem os vê.







A cidade se faz no caminho

Como extrair toda a potencialidade visual no intuito de construir uma investigação imagética, que evidencie as transformações atravessadas pelo mesmo espaço no decorrer dos anos? A resposta certamente envolve o fazer coletivo e a participação da comunidade local por meio de suas vivências e olhares.

Esse é o objetivo do projeto “A cidade se faz no caminho”, realizado no município de Alegre, no sul do Espírito Santo, com pouco mais de 28 mil habitantes. A artista Taynara Barreto teve a sensibilidade de convocar doze fotógrafos amadores para realizar registros pela cidade com o celular, ferramenta para democratizar o acesso à sua produção.

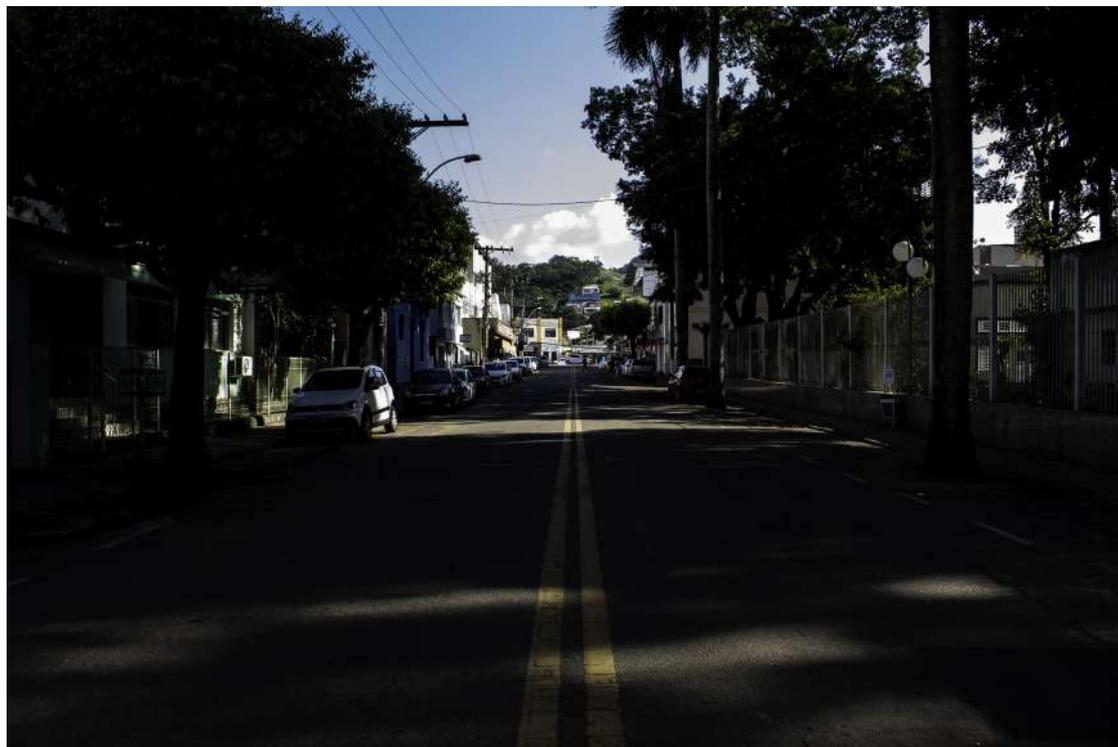
As fotografias evidenciam o cotidiano e abrigam o espaço público urbano como catalisador de narrativas visuais contadas por seus habitantes, refletindo sobre a memória arquitetônica gerada pelos marcos e pelas marcas deixadas com o tempo. A dinâmica principal para a criação do projeto foi a de se valer de um gesto simples e ao mesmo tempo poético, que é a caminhada fotográfica pela cidade como espaço de invenção.

O resultado da pesquisa gerou a exposição virtual de mesmo nome, que pode ser vista na *internet* com galerias individuais de cada um dos participantes. O projeto

se apresenta como uma maneira de recriar conexões e resgatar o valor cultural e turístico da cidade de Alegre, reacendendo sua memória e sua história por meio de uma perspectiva de se enxergar a própria cidade, ao prestigiar o olhar de cada um desses artistas caminhantes.









Fotossíntese do Rio de Janeiro

Tiago Petrik é fotógrafo, jornalista, escritor, editor, roteirista e gestor. Tem na fotografia uma atenção especial, utilizando uma técnica alternativa, chamada de fitotipia. Tiago, com isso, consegue belos resultados.

Nessa pesquisa, o autor utiliza métodos convencionais de captura fotográfica (digital ou analógica) de dez pontos icônicos da cidade do Rio de Janeiro (a Floresta da Tijuca, o Maracanã, a praia de Ipanema, o Museu do Amanhã, a calçada de Copacabana, a favela da Rocinha, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, o Jardim Botânico, e os Arcos da Lapa) e transfere as imagens captadas para um acetato que, colocado sobre as folhas secas e exposto ao sol, transfere essas imagens para as folhas. As folhas secas foram captadas no Parque Nacional da Floresta da Tijuca. O resultado é surpreendente com imagens belíssimas sobre a textura das folhas. Após todos esses processos, as folhas são fotografadas para serem utilizadas, com o objetivo de valorizar a cidade do Rio de Janeiro como patrimônio.









Seridó potiguar: diário de uma viagem geológica

Valentina Tong é arquiteta, fotógrafa, curadora e pesquisadora. Faz do projeto “Seridó potiguar” um diário de viagem não convencional para futuros viajantes, exploradores, estudantes e turistas interessados em geologia, sítios arqueológicos, pinturas rupestres e arquitetura. O projeto pretende contribuir com a preservação e divulgação desse importante patrimônio do Rio Grande do Norte. Usando a fotografia como instrumento para despertar o interesse sobre a história da paisagem, busca quando, como e porque essas regiões foram ocupadas. Informações que são de extrema importância para a evolução do *status* de Geoparque Aspirante Seridó para Geoparque Seridó.

Nas imagens feitas por Valentina, percebemos seu cuidado nessa pesquisa, em que ela trafega em busca de pistas dos povos que por lá passaram e deixaram suas marcas.









Iê: viva meu Mestre

Pessoas mais novas têm que procurar pessoas mais antigas pra poder buscar o conhecimento real.

A epígrafe de Mestre Nino resume bem o objetivo do projeto “Iê: viva meu Mestre”, de Victoria Santos Leite.

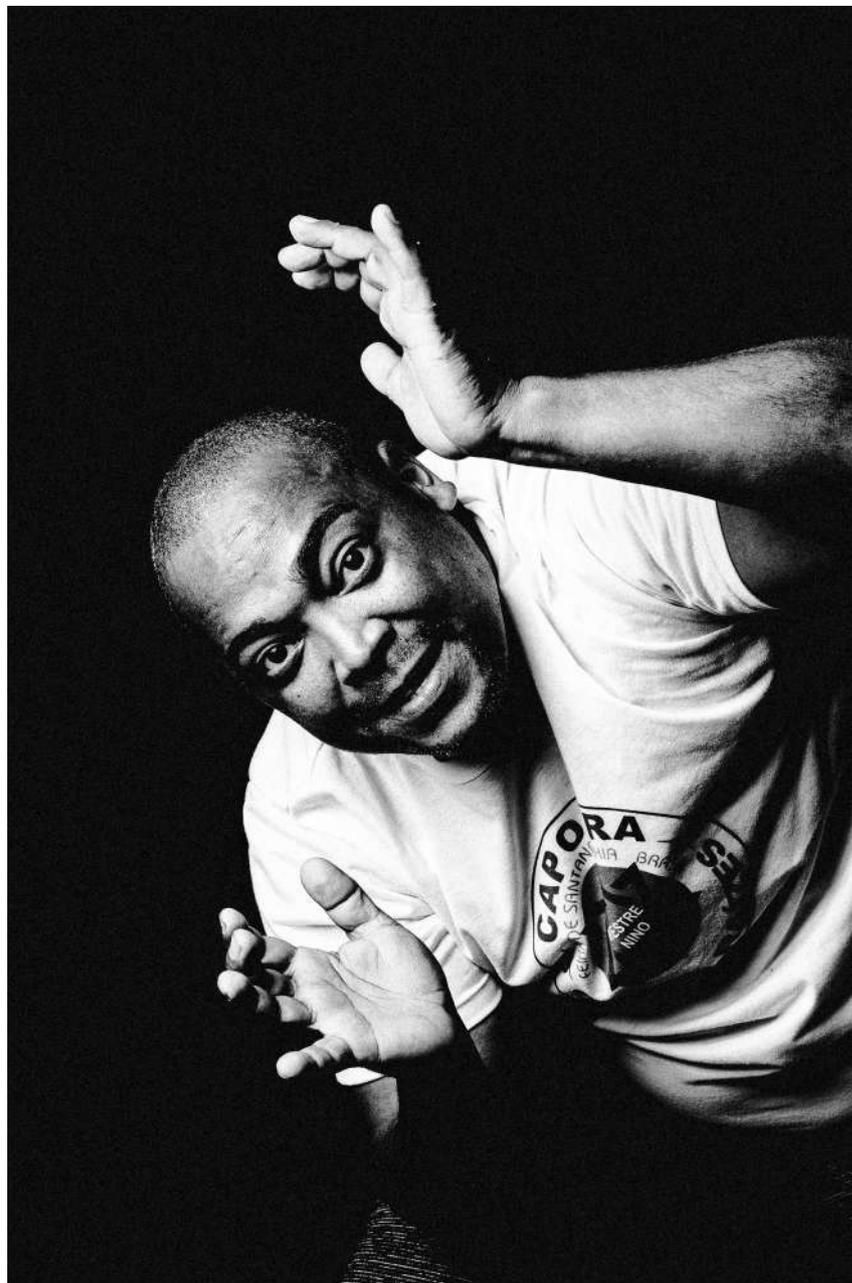
Todo capoeirista tem o seu Mestre e é importante valorizar a relevância cultural da capoeira como lastro para as outras gerações. Por isso mesmo, é essencial que essa aclamação dos mais antigos seja feita ainda em vida.

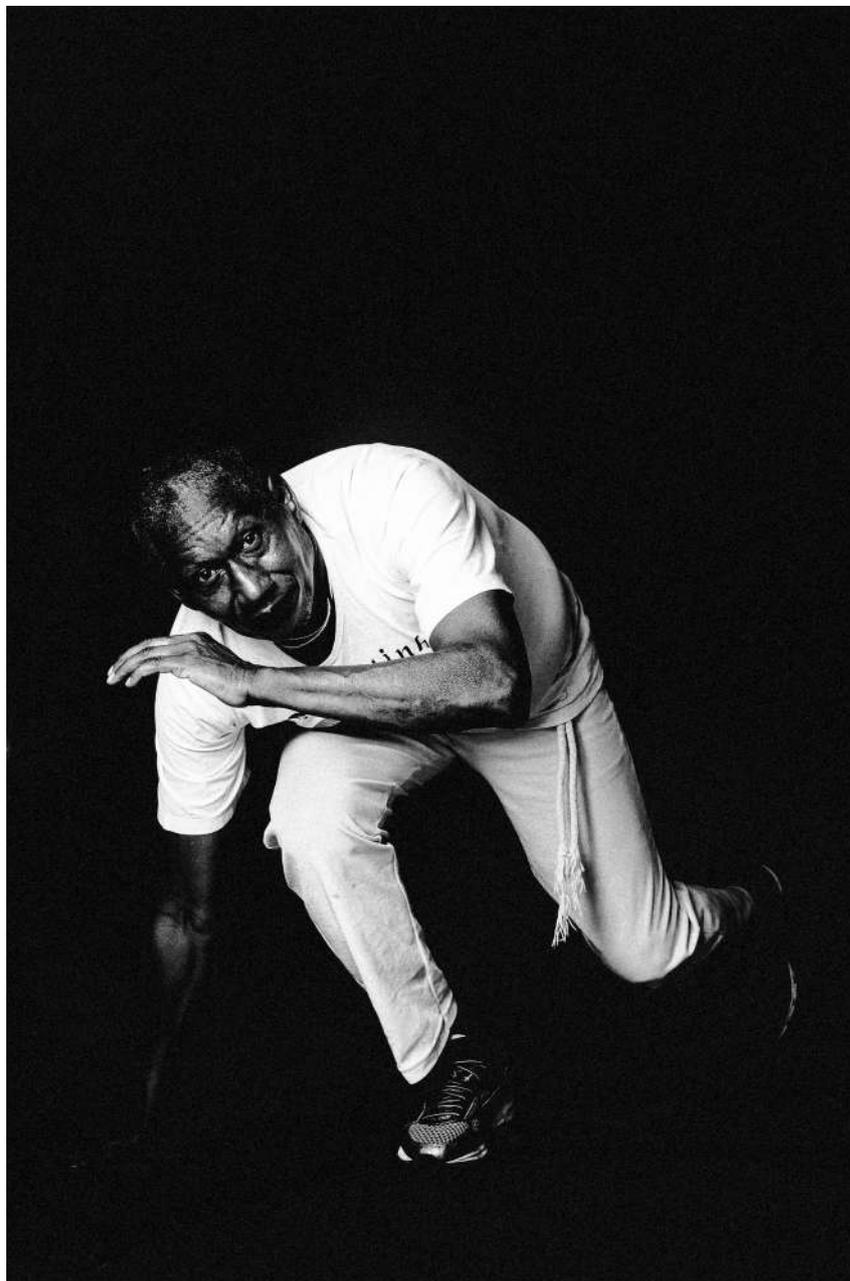
A partir do encontro com dezoito Mestres de capoeira de Feira de Santana, no interior da Bahia, a pesquisadora Denise Oliveira e a fotógrafa Victoria Nasck elaboraram uma revista digital repleta de fotografias em preto e branco com registros biográficos. Nela, cada um desses Mestres compartilharam as suas vivências de uma rica tradição, que ainda precisa de visibilidade e reconhecimento.

O resultado se apresenta de forma a “contribuir com os estudos culturais, corporais e artísticos relacionados à capoeira e à cultura popular”, segundo as próprias autoras. Mesmo reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan, ainda há uma grande lacuna para o desenvolvimento de

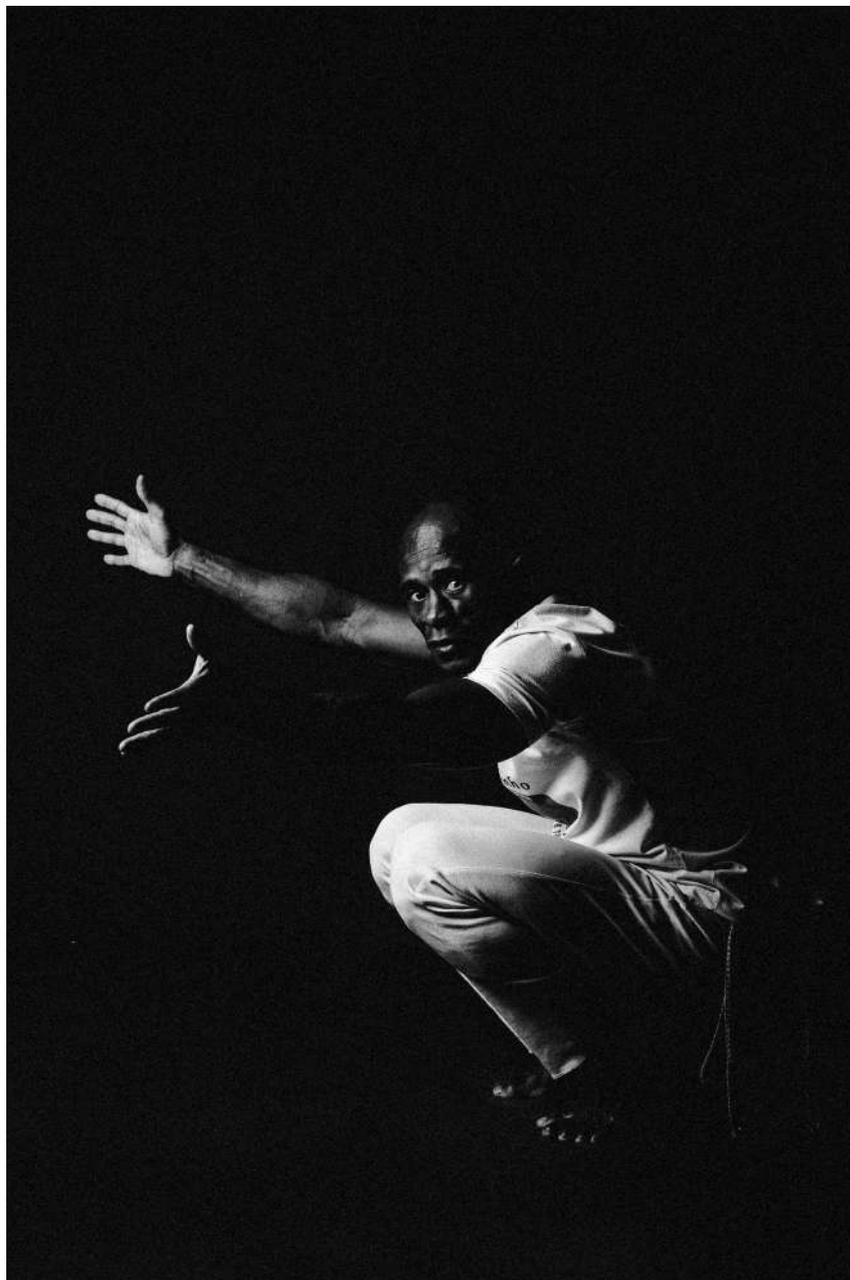
pesquisas históricas e documentais que deem a devida visibilidade para esses agentes culturais.

Pensando nisso, as autoras também elaboraram um mapeamento da capoeira de Feira de Santana, o que contribui para estimular o turismo sustentável, ao permitir que pessoas da própria cidade ou de outros lugares localizem e visitem as sedes das escolas de capoeira. Essas visitas são uma forma de facilitar a interlocução com os Mestres e seus grupos, além de possibilitar o acesso do público geral à comunidade capoeirista local.









Minibiografias

AC Junior | Antonio Carlos de Faria Junior

Negros da Boa Vista

Fotógrafo atuante na área socioambiental. Desenvolve trabalhos autorais desde 1993, como: "Brasil Mostra a tua Cara", na 1ª Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba, em 1996; e "O animal da floresta" – finalista do 8º Prêmio Diário Contemporâneo. Primeiro lugar no Concurso Foto Arte Brasília, categoria Amazônia, ensaio Ribeirinhos, em 2009. Nomeado a participar do Prêmio 3º PrixPictet ciclo Growth, em 2010. Livro *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*, 2005. Livro *Baixo Estácio* selecionado para o festival ZUM de fotolivro no IMS-SP em 2019.

Adriana Vignoli | Adriana Patrício Vignoli

Boca do fogo

Pesquisa fotografia, desenho e escultura. Trabalha com a geometria disposta na paisagem em estruturas de tensão e equilíbrio. Participou da Residência Artística Internacional no Pivô em São Paulo e foi selecionada para integrar a Residência Artística Internacional no Hangar em Portugal. Realizou exposições no exterior. Indicada para o Prêmio PIPA. Contemplada com o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, em 2015.

Alvaro Fiore | Alvaro Dante Fiore

A rota catarinense da mandioca

Nascido em San Luis, Argentina. Licenciado em Tecnologia da Informação pela UADE (Universidad Argentina de la Empresa), fotógrafo documental e de viagens, turismólogo

autodidata, viajero e empreendedor independente da agência de turismo biocultural “Viagens para buscadores”. Realizou cursos presenciais com fotógrafos argentinos renomados, como Alberto Goldenstein, Guillermo Pardo, Horacio Miguel.

Ana Alaíde Amaral | Ana Alaíde Barbosa do Amaral

No vão do carste no seco da mata

Fotógrafa e professora de História. Trabalha com temas da cultura popular e história regional. Realiza oficinas de fotografia para jovens, crianças e idosos. Participou dos primeiros trabalhos do “Artesanato solidário”, implantado pelo então Ministério da Cultura. Atuou em projetos do “Cultura viva”, em Januária e Montes Claros – cidades de Minas Gerais. Vencedora dos Prêmios Funarte Descentrarte, em 2019, e Aldir Blanc, em 2020.

Antonia Regina | Antonia Regina Moura Leite

Versa, ela: a mulher do baile

Jornalista, fotógrafa, documentarista e curadora. Produtora do longa “Teu canto de praia”. Já atuou com pesquisa e produção de conteúdo, relacionamento institucional e oficinas de roteiros e de fotografia. Coordenou a comunicação do projeto “Ô de casa! Mobilização, articulação e salvaguarda do fandango caiçara”. Atualmente é produtora do Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia.

Arnaldo Sete | Arnaldo Sete de Sena e Silva Neto

Os Caretas de Triunfo

Fotojornalista e fotógrafo documental social. Autor do documentário “Filhos de Natuba”, que mostra as famílias do lixão de Vitória de Santo Antão-PE. O local foi desativado após seu trabalho repercutir. Autor de *Warao – refúgio na pátria amada*, que retrata as dificuldades de venezuelanos indígenas em Recife-PE. Seu projeto mais recente é o “Por trás da lona” – documentário sobre a rotina de uma família circense.

Beto Skeff | Weberton Batista da Silva Skeff*SobreNaturais*

Vencedor de diversos prêmios e concursos de fotografia. Pesquisa as tensões e contradições entre cidade, manifestações religiosas e questões corporais. Explora os limites e fragmentos dos espaços plásticos da imagem e as dimensões invisíveis do cotidiano. Foi diretor-presidente do Instituto da Fotografia, no Ceará; e membro do Conselho Estadual de Cultura (2020/2021).

Camila Contreras | Camila Contreras Novaes*Cór-rego: de onde vem/para onde vai?*

O Coletivo Arte do Povo, Povo de Arte é formado pelo fotógrafo e artista de rua Diego Sei e pela arquiteta e urbanista Camila Contreras. A partir da promoção da cultura, de intervenções urbanas, do uso de uma linguagem estética marginal, da participação popular, da construção de um acervo de memórias e da reflexão sobre a história e produção da cidade, o coletivo vem atuando no projeto CÓR-REGO de maneira interdisciplinar a fim de sensibilizar a sociedade para proteção e valorização das águas.

Carlos Donaduzzi | Carlos Alberto Donaduzzi*O sobe e desce de uma avenida: entre o patrimônio Art Déco e a preservação da Mata Atlântica em Santa Maria-RS*

Fotógrafo e artista visual. Doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha as referências de imagens do cotidiano e da história da arte para a construção de fotografias encenadas que discutem sobre o paradoxo real/virtual.

Cayo Vieira | Cayo Vinicius Lemes Vieira*Redes*

Fotógrafo e psicanalista, membro da Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise. Iniciou a carreira como assistente de estúdio e laboratório fotográfico em 2002, mas antes

disso já acompanhava o pai, Sérgio Vieira, em sua caminhada como fotógrafo. Em seus trabalhos autorais pensa o ato fotográfico como ferramenta de elaboração; revê e reorganiza questões familiares e pessoais. Atualmente é artista-propositor no coletivo “NÓ movimento em rede” – em que coordena ações do projeto corpo-câmera, metodologia de trabalho no qual provoca aproximações entre psicologia social, fotografia e psicanálise em contextos de vulnerabilidade social.

Consuelo Vallandro | Consuelo Vallandro Barbo

A vida da Família Bonaldo: o espetáculo que o público não vê

Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha há mais de 25 anos com acrobacia em esportes, circo e dança. Participou de espetáculos, óperas e *performances* artísticas. Pesquisa a arte como instrumento de inclusão. Professora de acrobacia, dança e artes circenses. Atual Presidente da Associação de Circo do Rio Grande do Sul.

Cristine de Bem e Canto

Iberê Camargo: um corpo fotográfico

Jornalista, artista visual, professora e Mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Selecionada no 50º Festival de Cinema de Gramado-RS/2022. Participou de exposições: Sympoiesis-SVA'S Bio Art Nova York/2019, FILE-SP/2009, 12º Salão Nacional de Arte de Itajaí-SC/2010, Percursos da Arte no Século XXI-MUBE-SP/2007, 7º Salão do Mar de Vitória-ES/2006, 7º Salão de Arte Digital-Cuba/2004, 1º Salão Aberto paralelo a XXVI Bienal Internacional de São Paulo-SP/2004. Foi artista residente em: SVA, the Bio Art Residency: com Suzanne Anker-Nova Iorque/2019, e em TPW/Workshop Photography Toscana, Photo as Autobiography Residency com Machiel Botman/2001.

Daniel Moreira | Daniel Moreira Soares*Trilogia limítrofe*

Graduado em Comunicação. Busca o diálogo entre processos ou situações documentais e as Artes Visuais. Utiliza a fotografia como suporte e dedica seu trabalho à exploração dos sentimentos e condições humanas. Trabalha a humanização do mundo em suas relações diversas com o imaginário, o ser humano e o consumo.

Daniela Paoliello | Daniela Tavares Paoliello*Escavar o escuro*

Artista visual e doutora em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Autora dos fotolivros *Exílio* e *Que horas são no paraíso?* Seu trabalho integra a coleção do Museu de Arte do Rio (MAR). Nos últimos anos, vem desenvolvendo pesquisa em torno das relações entre corpo e natureza, fotografia e *performance*.

Davilym Dourado*Três Rios: a poética das águas*

Fotógrafo com formação em Ciências Sociais e especialização em Antropologia Visual. Transita entre as linguagens da fotografia documental e experimental, combina práticas artísticas que envolvem fotografia, vídeo, som, colagem, instalação e pintura. Seus trabalhos retratam relações sociais, políticas, questões da ancestralidade e as transformações da natureza pela ação do homem. Atua na produção de fotografia comercial e como produtor de conteúdo educacional de fotografia.

Denise Agassi | Denise Martins Agassi de Oliveira*Cachoeira de dados*

MidiaMagia atua com educação e exposições culturais em Artes Visuais, Saúde e Tecnologia, representada pela docente e artista multimídia Denise Agassi. Mestre pela Faculdade Santa

Marcelina (FASM/SP) e bacharel pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP/SP), em Artes Visuais. Formada em Medicina Chinesa pela Escola Neijing, São Paulo/Espanha. Participa de exposições, grupos de pesquisa, residências artísticas nacionais e internacionais. Sua pesquisa artística refere-se à investigação de arquivos e memórias que estão no corpo físico e na *internet*.

Edu Monteiro | Eduardo Rangel Monteiro

Paisagem vertical

Artista, pesquisador e professor. Pós-doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de fotografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Univeritas. Possui formação em Artes e História Visual pelo Museu Jeu de Paume, de Paris, na França. Autor dos livros *Autorretrato Sensorial* e *Saturno*.

Galdino | Lucas Galdino da Silva

Entre clicks e vielas

Trata-se de um ajuntamento de artistas do interior cearense. Ação estruturada por corpos dissidentes, LGBTQIAPN+, mulheres, atrizes, atores e mais. Promove interlocuções e diálogos, constituindo-se como projeto de escuta e fala. Realiza apresentações, oficinas de formação e debate junto a profissionais da área e comunidade. Trabalha com ações quinzenais que levantam novas formas de ver teatro, ouvir música, criar e pintar.

Giovanna Consentini

Herbário caiçara afetivo

Natural de Santarém, Pará. Artista visual, fotógrafa e pesquisadora de cinema, interessa-se por histórias derivadas do afeto e da memória. Mescla fotografia, vídeo, colagem, impressos e materiais têxteis em seus trabalhos. Em 2021, participou da primeira edição da Residência

Artística Farol do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Vive e trabalha em São Paulo desde 2013.

.:grão | Gabriela Sá e Ícaro Moreno

Plantear: a cianotipia entre a arquitetura e o paisagismo

Duo composto pelos artistas plásticos Gabriela Sá e Ícaro Moreno. A parceria nasceu da vontade de combinar pulsões criativas e investigações artísticas com imagens e sons. Ao perceber pontos de encontro em suas pesquisas, os artistas juntaram esforços em 2015, criando projetos e obras que tocam os temas da memória, da história, do pertencimento e das construções poéticas que exploram as latências e lacunas imagéticas.

Gui Christ | Guilherme Christ de Menezes Sousa

Cartografia afrorreligiosa do Rio de Janeiro

Fotógrafo documentarista. Atua em todo o Brasil nas áreas de Direitos Humanos, Saúde, Imigração e Cultura. Possui publicações em jornais e revistas internacionais, como *National Geographic*, *Time*, *The Washington Post*, *Billboard*, *El País*, *Al Jazeera*, *BBC*, *Der Spiegel* e outros. Em 2019, foi apontado pela revista *European Photography* como um dos melhores fotógrafos documentaristas da sua geração em todo o mundo.

Júlia Dolce | Júlia Dolce Ribeiro

Álbuns originários

Repórter e fotopermista especializada na cobertura socioambiental. Trabalhou e colaborou com diversos veículos de imprensa e movimentos populares. Estuda o debate agrário no Brasil e a relação entre fotografia, colonialismo e memória. Realizou o projeto em parceria com o fotopermista documental Leonardo Milano, que atua na região Norte desde 2008, em pautas de direitos humanos, meio ambiente e questão indígena.

Leonid Streliaev

Co yvy oguereco yara: esta terra tem dono!

Eleito Fotógrafo Brasileiro do Ano de 1974 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Possui várias exposições, mostras, livros, conferências, palestras e publicações. Expôs duas vezes na Bienal de São Paulo, isento de júri. Sua obra *O Rio Grande de Erico Verissimo* foi eleita livro do ano pela Câmara Riograndense do Livro. Em 2005, recebeu o Prêmio Cultura Gaúcha, a mais alta distinção cultural do Rio Grande do Sul.

Luciana Rodrigues | Luciana Rodrigues de Oliveira

Como escutar o som de um relógio

Historiadora, arte-educadora e fotógrafa. Vive e trabalha em Fortaleza-CE. Desde 2010, coordena ações educativas de museus e espaços culturais. Em paralelo, desenvolve projetos que abordam o tema da memória em diferentes linguagens. O percurso que vem construindo na fotografia traz referências de outros campos de interesse como a literatura e o cinema.

Marcelo Hein | Marcelo Hein de Andrada e Silva – Coletivo Trapo

Litoral

Representante do Coletivo Trapo, grupo de fotografia voltado para pesquisas das transformações sociais e relações entre o ser humano e a cidade, formado por Lucas Eskinazi e Marcelo Hein.

Marcelo Barbalho | Marcelo Leite Barbalho

Casinhas feias: fachadas

Fotógrafo, professor e pesquisador de fotografia. Desenvolve projetos intimistas, próximos à sua experiência pessoal com os eventos, pessoas e lugares ao seu redor. Participou de diversas exposições coletivas no país, entre elas “O urbano entre realidade e utopia” (11º Festival de Fotografia de Tiradentes, 2022) e “Noite Solar” (Solar Foto Festival, 2018).

Em 2017, ganhou o primeiro prêmio no 7º Festival de Fotografia Encontros de Agosto, em Fortaleza-CE.

Marcio Pimenta | Pimenta Estúdio Projetos Fotográficos Ltda

Mata-fina: a história dos charutos baianos que conquistaram o mundo

Empresa sediada em Porto Alegre-RS, representante do explorador e fotógrafo Marcio Pimenta. Membro do *The Explorers Club* e *National Geographic Explorers'22*. Contribui com publicações em todo o mundo, incluindo *Rolling Stone*, *The Guardian*, *The Wall Street Journal* e *El País*. Seu trabalho está exposto nos principais festivais de arte, como OpenArles, Belfast Photo Festival e Bienal de Cerveira. Finalista do Prêmio Gabo 2022.

Márcio Vasconcelos | Márcio Henrique Furtado Vasconcelos

Bumba Meu Boi do Maranhão: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

Fotógrafo profissional autodidata. Trabalha, há mais de duas décadas, com registros da cultura popular e religiosa dos afrodescendentes no Brasil, especialmente no Maranhão. Alia fotografia com pesquisa antropológica e social. Vencedor de diversos concursos na área, entre eles o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia de 2010 e 2014. Possui livros editados pelo SEBRAE/MA, Petrobras Cultural e Editora Vento Leste.

Maria Baigur | Maria Fernanda Carneiro Sarlo Baigur

Angelus: postais de uma cidade invisível

Artista visual. Nascida em Salvador-BA. Mora atualmente no Rio de Janeiro.

Maria Vaz | Maria Figueiredo Vaz

Memorial de Fachadas

Artista visual, fotógrafa e pesquisadora. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cofundadora do "Duo Paisagens Móveis" e membro dos coletivos

"*Women Photograph*" e "*Mulheres Luz*". Trabalha a relação entre memória individual e coletiva, a partir da poética e fabulação. Desenvolve experimentações entre imagem e palavra, analógico e digital e uso de arquivos públicos e familiares.

Marilene Ribeiro | Marilene Cardoso Ribeiro

Fogo aberto (ou abrir fogo)

Artista visual e pesquisadora. Mescla fotografia, vídeo, intervenção e colaboração, com foco nos Direitos Humanos e da Natureza. Possui obras premiadas no Brasil e no exterior. Vencedora do Prêmio PHotoEspanña Descubrimientos. Doutora em Artes Criativas pela University for the Creative Arts (Inglaterra) e membro do coletivo de fotógrafas latino-americanas Foto Féminas.

Marlon de Paula | Marlon Bruno Vitor de Paula

Erosão

Graduado em Comunicação Social com ênfase em jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Participa de exposições e residências nacionais e internacionais. Atuou no programa de Residência Artística do Museu Bispo do Rosário/RJ e na residência de criação no Labanque – Centre de Production et de Diffusion en Art Contemporain, em Béthune, na França (2022).

Mateus Sá | Mateus Sá Leitão de Castro Soares

Xukurus do Ororubá

Fotógrafo e artista visual. Pesquisa o universo da memória e as relações desarmônicas e harmônicas do ser humano com o meio ambiente. Publicou quatro livros. Tem cinco exposições individuais, além de participações em várias coletivas nacionais e internacionais. Integra a coleção "*Diário Contemporâneo de Fotografia*", em Belém-PA, com o trabalho *Reflexões II*.

Mauricio Igor | Mauricio Igor Neves Almeida de Almeida

Ventos do norte

Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrando em Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Investiga questões relacionadas à negritude, gênero, sexualidade, decolonialidade e o cotidiano na região amazônica. Natural de Belém-PA.

Miro Soares | Almiro Soares Filho

Desafios criativos

Doutor em Artes e Ciências da Arte pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Mestre em Artes pela École Supérieure d'Art de Grenoble e em Artes e Mídias Digitais pela Université Paris 1. Trabalha na interseção dos campos da fotografia, do cinema, do vídeo e de novas mídias. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui obras exibidas em mais de vinte países. Realizou oito residências artísticas no exterior.

Pablo De Luca | Pablo Alfredo De Luca

O mundo da grande Lagoa Manguaba

Nascido em Buenos Aires, Argentina, e radicado em Maceió-AL. Jornalista, repórter fotográfico, arquiteto e urbanista. Pós-graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho. Atende há décadas veículos de notícias como *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Agência EFE*, *Associated Press*, entre outros. Atuou em assessorias de comunicação de órgãos públicos de Alagoas. Possui diversas premiações nas áreas de fotografia e jornalismo.

Paula Solaris | Paula Silveira da Silva

Olhares culturais: a história através das paisagens de Arambaré

Artista multidisciplinar no Grupo Criativo Manifestantes. Desenvolve de forma contínua pesquisa em fotografia analógica e audiovisual.

Pedro David | Pedro David de Oliveira Castello Branco*Campo cerrado*

Graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Kursou pós-graduação em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Trabalha as relações do homem com seu ambiente – natural, rural ou urbano –, por meio de fotografias impressas em diversos formatos, vídeos e esculturas em bronze. Possui interesse na relação entre a estética e a política. Autor de diversos livros.

Ponto de Cultura Rural | Instituto de Imagem e Cidadania | Marjorie Botelho*Saberes e fazeres da agricultura familiar*

Desenvolve, desde 2018, ações para valorização da cultura nos territórios rurais, por meio de parcerias para a produção de oficinas de educação patrimonial através das artes visuais, documentários e livros sobre os modos de vida da agricultura familiar, exposições e pinturas de muros, valorizando os saberes e fazeres do campo. Atende, por ano, escolas públicas e universidades, dando acesso a equipamentos culturais na roça.

Raquel Gandra | Raquel Reine Areias Gandra*Entre tramas e labirintos*

Artista Visual. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Belas Artes (UFRJ). Realizou um Master em Fotografia Artística e Documental em Porto, Portugal. Participou de exposições coletivas no Brasil, em Portugal e na Itália, e teve seus curtas-metragens exibidos e premiados em diversos festivais de cinema. Em sua trajetória, pautada pelo afeto e pelo acaso, usa a imagem para dar a ver/conhecer/imaginar o outro e nós mesmos e questionar a maneira como enxergamos a realidade.

Renata Fortes | Renata Fortes Monte Franklin

Boi na lente: formação fotográfica e artística na zona norte de Teresina

Realizadora audiovisual, fotógrafa, artista visual, curadora e produtora cultural. Graduada em Comunicação Social, especialista em Direitos Humanos e técnica em Realização Audiovisual pela Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes (Fortaleza-CE). Integra a equipe curatorial do Festival do Minuto e Minuto Escola. Leciona sobre fotografia em projetos sociais. Madrinha do Boi Touro da Ilha em 2021.

Rennan Peixe | Rennan Mendes dos Santos

Sobô nirê mafá

Artista visual negro e periférico. Trabalha a afirmação da identidade negra na fotografia. Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE). Especialista em Cultura Pernambucana e em Comunicação, Semiótica e Linguagem Visual. Mestrando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Rodrigo Zeferino | Rodrigo dos Santos Zeferino

Terra em trânsito

Artista que tem a fotografia e o vídeo como bases instrumentais. Trabalha a partir da observação dos efeitos da industrialização, da urbanização e da exploração ambiental no mundo. Possui obras em coleções de arte como Pirelli-Masp, Joaquim Paiva e Gilberto Chateaubriand (MAM-RJ). Ganhador dos Prêmios FCW 2016 e Foto em Pauta 2019.

Sergio Augusto Medeiros

Museu do comer

Doutorando e mestre em Artes Plásticas, Visuais e Interartes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Arteterapia pela Faculdade Dom Bosco e graduado

em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná (UEM). Possui projetos financiados e reconhecidos por prêmios e bolsas como Araucária, Funarte, Fapemig, Aniceto Matti, Sesc-PR, Centre Culturel du Brésil e outros.

Sirli Freitas | Sirliane Amaral de Freitas

Saberes da Mata

Seu trabalho e pesquisa fotográfica são um mergulho em culturas que estão às margens da sociedade e diretamente ligados às comunidades indígenas e aos imigrantes, abordando temáticas como cultura, ancestralidade, resistência e gênero. É uma das idealizadoras do Primeiro Museu Multimídia Kaingang de Santa Catarina e do projeto “A casa é um mar cheio de portos”, em que registra a migração a partir de diferentes eixos.

Taynara Barreto | Taynara dos Santos Barreto

A cidade se faz no caminho

Comunicadora, produtora cultural e artista visual. Atua ativamente em projetos que desenvolvam o olhar fotográfico na comunidade e que contribuam para a preservação da memória por meio da fotografia.

Tiago Petrik | Tiago Petrik Magalhães

Fotossíntese do Rio de Janeiro

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuou como jornalista em diversos veículos e mídias. Em 2007, criou o site de comportamento e estilo de vida RIOetc. Clicou campanhas para marcas como Burberry, Adidas, Farm e Reserva. Em 2022, dirigiu o projeto “Urbegrafia – um mosaico visual do Rio”, que transportou do Instagram para as páginas de um livro 200 imagens de fotógrafos sobre a Cidade Maravilhosa.

Valentina Tong

Seridó potiguar: diário de uma viagem geológica

Arquiteta, fotógrafa e curadora. Seu trabalho fotográfico é uma pesquisa sobre a paisagem geológica brasileira e sua relação com a paisagem construída.

Victória Nasck | Victoria Santos Leite

Iê: viva meu Mestre

Realizadora audiovisual, fotógrafa, costureira de palavras e graduanda em Cinema pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Busca entrelaçar em seu trabalho afeto e memória por meio da imagem e da escrita poética.

Agradecimentos da Comissão de Seleção

A equipe avaliadora, juntamente com o corpo técnico do edital, sente-se privilegiada por fazer parte do processo que se conclui com este catálogo. Entendemos que o grupo de participantes contemplado com o XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia mereceu tal reconhecimento. No entanto, isso não retira o mérito de vários outros trabalhos que, efetivamente, esforçaram-se para contribuir com a arte e a fotografia brasileira. Essa experiência nos aproximou do universo desses artistas por meio de sua diversificada criatividade, ora expressa por trabalhos visuais parcialmente apresentados na candidatura, ora por ideias que vieram a ser posteriormente concretizadas e que fazem parte deste catálogo como uma mostra da riqueza da cultura visual que este país tem a oferecer nacional e internacionalmente.

Por esse motivo, somos gratos por fazer parte da retomada do Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, que procurou não só propiciar visibilidade, mas também beneficiar maior número de artistas – considerando que a democracia também passa pelo caminho do reconhecimento da linguagem fotográfica como forma de comunicar, compartilhar e denunciar os mais distintos “brasis” em que vivemos. Por entendermos que essa retomada foi importante para a democratização da arte fotográfica

brasileira, gostaríamos de expressar nossos votos para que este concurso, que provoca tanta expectativa em nível nacional, continue fomentando, deste lugar da arte visual, aqueles aspectos que nos fortalecem como nação.

O edital, que tem por objetivo estimular a produção fotográfica e sua transversalidade com as artes e outras áreas, apresentou importantes particularidades em 2022. Primeiramente, a ampliação do número de contemplados. Ao todo, foram 50 projetos premiados – aumento expressivo em relação às edições anteriores.

Essa ampliação resultou não apenas em uma diversidade maior de propostas, mas também em maior distribuição regional da premiação, promovendo e incentivando a produção artística desenvolvida em todas as regiões do território nacional. Foram contemplados projetos que se destacaram pela transversalidade da fotografia com outras linguagens artísticas e áreas do conhecimento, que contribuíram para a formação de público em seus vários setores, a partir da inclusão e de processos formativos como oficinas e outras atividades desenvolvidas por coletivos populares.

Outra particularidade do prêmio em 2022 foi seu enfoque nas questões ambientais, sempre valorizando a memória cultural brasileira e a ampliação do acesso aos bens artísticos e culturais por meio da fotografia, de aspectos do patrimônio, do meio ambiente e do turismo sustentável.

Devemos também ressaltar o caráter democrático do prêmio, a partir da disponibilização dos projetos à sociedade de forma *on-line*, difundida em plataformas digitais, por meio de exposição, *site*, publicação e apresentação em vídeo. Todas

as propostas foram elaboradas com estratégias de acessibilidade, voltadas para pessoas com deficiência, que incluíram texto alternativo, legenda oculta (*closed caption*), interpretação em Libras, audiodescrição, entre outros recursos, de acordo com a necessidade e característica de cada projeto.

Comissão Organizadora do Livro

Participantes dos projetos contemplados pelo XVI Edital Funarte Marc Ferrez de Fotografia

Proponentes

AC Junior

Antonio Carlos de Faria Junior
Rio de Janeiro (SE)

Adriana Vignoli

Adriana Patrício Vignoli
Distrito Federal (CO)

Alvaro Fiore

Alvaro Dantes Fiore
Santa Catarina (S)

Ana Alaíde Amaral

Ana Alaíde Barbosa do Amaral
Minas Gerais (SE)

Fotógrafos(as)

AC Junior

Antonio Carlos de Faria Junior

Diego Bresani

Alvaro Fiore

Alvaro Dantes Fiore

Ana Alaíde Amaral

Ana Alaíde Barbosa do Amaral

Antônia Regina

Antônia Regina Moura Leite
Rio de Janeiro (SE)

Antônia Regina

Antônia Regina Moura Leite

Arnaldo Sete

Arnaldo Sete de Sena e Silva Neto
Pernambuco (NE)

Arnaldo Sete

Arnaldo Sete de Sena e Silva Neto

Beto Skeff

Weberton Batista da Silva Skeff
Ceará (NE)

Beto Skeff

Weberton Batista da Silva Skeff

Camila Contreras

Camila Contreras Novaes
Bahia (NE)

Diego Sei

Carlos Donaduzzi

Carlos Alberto Donaduzzi
Distrito Federal (CO)

Carlos Donaduzzi

Carlos Alberto Donaduzzi

Cayo Vieira

Cayo Vinicius Lemes Vieira
Paraná (S)

Cayo Vieira

Cayo Vinicius Lemes Vieira

Consuelo Vallandro

Consuelo Vallandro Barbo
Rio Grande do Sul (S)

Adriana Marchiori

Cristine de Bem e Canto

Rio Grande do Sul (S)

Cristine de Bem e Canto

Daniel Moreira

Daniel Moreira Soares
Minas Gerais (SE)

Daniel Moreira

Daniel Moreira Soares

Daniela Paoliello

Daniela Tavares Paoliello
Minas Gerais (SE)

Daniela Paoliello

Daniela Tavares Paoliello

Davilym Dourado

São Paulo (SE)

Davilym Dourado

Denise Agassi

Denise Martins Agassi de Oliveira
São Paulo (SE)

Denise Agassi

Denise Martins Agassi de Oliveira

Edu Monteiro

Eduardo Rangel Monteiro
Rio de Janeiro (SE)

Edu Monteiro

Eduardo Rangel Monteiro

Galdino | Lucas Galdino da Silva

Ceará (NE)

Heleno Eusebio

Mc Amana
Wandalyson Dourado
Kauã Amaral

Giovanna Consentini

São Paulo (SE)

Giovanna Consentini

.:grão

Gabriela Sá e Ícaro Moreno
Minas Gerais (SE)

.:grão

Gabriela Sá e Ícaro Moreno

Gui Christ

Guilherme Christ de Menezes Sousa
São Paulo (SE)

Gui Christ

Guilherme Christ de Menezes Sousa

Júlia Dolce

Júlia Dolce Ribeiro
Pará (N)

Leonardo Milano

Leonid Streliaev

Rio Grande do Sul (S)

Leonid Streliaev

Luciana Rodrigues

Luciana Rodrigues de Oliveira
Ceará (NE)

Luciana Rodrigues

Luciana Rodrigues de Oliveira

Marcelo Barbalho

Marcelo Leite Barbalho
Ceará (NE)

Marcelo Barbalho

Marcelo Leite Barbalho

Marcelo Hein

Marcelo Hein de Andrada e Silva

Coletivo Trapo

Marcelo Hein e Lucas Eskinazi
São Paulo (SE)

Marcelo Hein

Marcelo Hein de Andrada e Silva

Coletivo Trapo

Marcelo Hein e Lucas Eskinazi

Marcio Pimenta

Pimenta Estúdio Projetos Fotográficos LTDA
Paraná (S)

Marcio Pimenta

Pimenta Estúdio Projetos Fotográficos LTDA

Márcio Vasconcelos

Márcio Henrique Furtado Vasconcelos
Maranhão (NE)

Márcio Vasconcelos

Márcio Henrique Furtado Vasconcelos

Maria Baigur

Maria Fernanda Carneiro Sarlo Baigur
Rio de Janeiro (SE)

Maria Baigur

Maria Fernanda Carneiro Sarlo Baigur

Maria Vaz

Maria Figueiredo Vaz
Minas Gerais (SE)

Maria Vaz

Maria Figueiredo Vaz

Marilene Ribeiro

Marilene Cardoso Ribeiro
Minas Gerais (SE)

Marilene Ribeiro

Marilene Cardoso Ribeiro

Marlon de Paula

Marlon Bruno Vitor de Paula
Minas Gerais (SE)

Marlon de Paula

Marlon Bruno Vitor de Paula

Mateus Sá

Mateus Sá Leitão de Castro Soares
Pernambuco (NE)

Mateus Sá

Mateus Sá Leitão de Castro Soares

Mauricio Igor

Mauricio Igor Neves Almeida de Almeida
Pará (N)

Mauricio Igor

Mauricio Igor Neves Almeida de Almeida

Miro Soares

Almiro Soares Filho
Espírito Santo (SE)

Miro Soares

Almiro Soares Filho

Henrique do Carmo Medeiros

Tadeu Bianconi

Ignez Capovilla Alves

Pablo De Luca

Pablo Alfredo De Luca
Alagoas (NE)

Pablo De Luca

Pablo Alfredo De Luca

Paula Solaris

Paula Silveira da Silva
Rio Grande do Sul (S)

Paula Solaris

Paula Silveira da Silva

Pedro David

Pedro David de Oliveira Castello Branco
Minas Gerais (SE)

Pedro David

Pedro David de Oliveira Castello Branco

Ponto de Cultura Rural

Instituto de Imagem e Cidadania
Marjorie Botelho
Rio de Janeiro (SE)

Claudio Marcio Paolino

Raquel Gandra

Raquel Reine Areias Gandra
Rio de Janeiro (SE)

Raquel Gandra

Raquel Reine Areias Gandra

Renata Fortes

Renata Fortes Monte Franklin
Piauí (NE)

Renata Fortes

Renata Fortes Monte Franklin

Rennan Peixe

Rennan Mendes dos Santos
Pernambuco (NE)

Rennan Peixe

Rennan Mendes dos Santos

Rodrigo Zeferino

Rodrigo dos Santos Zeferino
Minas Gerais (SE)

Rodrigo Zeferino

Rodrigo dos Santos Zeferino

Sergio Augusto Medeiros

Minas Gerais (SE)

Sergio Augusto Medeiros

Sirli Freitas

Sirliane Amaral de Freitas
Santa Catarina (S)

Sirli Freitas

Sirliane Amaral de Freitas

Taynara Barreto

Taynara dos Santos Barreto
Espírito Santo (SE)

Taynara Barreto

Taynara dos Santos Barreto

Tiago Petrik

Tiago Petrik Magalhães
Rio de Janeiro (SE)

Tiago Petrik

Tiago Petrik Magalhães

Valentina Tong

São Paulo (SE)

Valentina Tong

Victória Nasck | Victória Santos Leite
Bahia (NE)

Victória Nasck | Victória Santos Leite

Sobre o livro

Formato
21 x 21 cm

Mancha
14,7 x 15,1 cm

Tipologia
Brother 1816 Printed | Fira Sans

